

O Assalto à “Frota da Liberdade”

Estudo comparativo da cobertura da imprensa tradicional e online do ataque israelita à embarcação pró-palestiniana em 2010

AUTOR: Marisa Alexandra Costa Ferreira

Dissertação de Mestrado

Departamento de Ciências da Comunicação

15 de agosto de 2011

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Comunicação Política, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Helder Bastos.

Dedicatória pessoal

*Quero dedicar esta dissertação aos meus colegas de mestrado que me deram força para
continuar e dedicar ao meu orientador pela paciência e toda ajuda que me
disponibilizou.*

AGRADECIMENTOS

Gostava de agradecer à Biblioteca Municipal de Vila do Conde, à Biblioteca Nacional Almeida Garrett, à Biblioteca de Ciências da Comunicação e à Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto que disponibilizaram os seus serviços e préstimos para eu desenvolver toda a análise presente nesta dissertação.

RESUMO

A presente investigação tem como objetivo principal analisar a existência de diferenças entre a cobertura feita pela imprensa tradicional e a imprensa *online*, focando o caso particular do assalto à frota pró-palestiniana de ajuda humanitária a 31 de maio de 2010. Para a execução deste estudo foram escolhidos quatro meios de comunicação social, dois da imprensa tradicional (Público e Correio da Manhã) e dois da imprensa *online* (Diário Digital e Portugal Diário). Para suportar toda a investigação recorreu-se à utilização das seguintes metodologias: análise crítica de discurso, análise de conteúdo e *framing* (teoria do enquadramento). Com o desenvolvimento do estudo concluiu-se a existência de divergências na cobertura da imprensa tradicional e imprensa *online*, bem como diferenças no enquadramento dado à informação. A nível de posicionamento editorial este só foi verificado na imprensa tradicional.

Palavras-chave: Israel, Palestina, Médio Oriente, Conflito, Frota da Liberdade, Ataque

ABSTRACT

The present investigation aims to analyze the existence of major differences between the coverage by traditional media and online media, focusing on the particular case of assault on pro-Palestinian fleet of humanitarian aid to May 31, 2010. For the implementation of this study were chosen four media, two mainstream media (public and Morning Post) and two online media (Diary Digital Diary and Portugal). To support all the research we resorted to the use of the following methodologies: critical discourse analysis, content analysis and framing (framing theory). With the development of the study showed the existence of differences in coverage of the traditional press and online media as well as differences in the frame made of the information. The level of editorial position it was only found in the traditional press.

Key-words: Israel, Palestine, Middle East, Conflict, The Freedom Flotilla, Attack

DISSERTAÇÃO: O Assalto à “Frota da Liberdade”

Estudo comparativo da cobertura da imprensa tradicional e online do ataque israelita à embarcação pró-palestiniana em 2010

AUTOR: Marisa Ferreira

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 6 |
| CAPÍTULO I: DESCRIÇÃO DE TERMOS..... | 14 |
| CAPITULO II: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA..... | 18 |
| CAPÍTULO III: METODOLOGIA | 24 |
| III.1. SELEÇÃO DE TÉCNICAS: | 24 |
| III.2. SELEÇÃO DE TEMAS:..... | 29 |
| III.3. RECOLHA DE DADOS: | 33 |
| III.4. ANÁLISE DOS DADOS:..... | 35 |
| CAPÍTULO IV: RESULTADO E DISCUSSÃO | 48 |
| CONCLUSÃO | 67 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 74 |
| ANEXOS | 79 |

INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação surgiu após se verificar uma lacuna na falta de análise de fenômenos internacionais na imprensa nacional. Para esta dissertação foi escolhido como estudo de caso o episódio de ataque por parte do exército israelita à frota de ajuda humanitária com destino a Gaza, na madrugada de 31 de maio de 2010.

Para se perceber alguns dos aspetos que levaram à escolha deste episódio do conflito israelo-palestiniano optou-se por fazer uma pequena contextualização do tema, bem como dos meios de comunicação social que foram utilizados para a análise deste.

O conflito israelo-palestiniano tem por base uma disputa territorial que remonta ao ano de 1947, mais precisamente com a resolução 181 da ONU votada a 29 de novembro desse ano. Esta resolução deu origem a dois estados, um de cariz árabe e outro com fundações no judaísmo.

Mas, todo o conflito tem bases anteriores ao ano de 1947. Segundo a história, tudo começa em novembro de 1917 (BONIFACE, 2001:203), com declaração de Balfour onde o Reino Unido favorece a criação de um Lar Nacional Judeu na Palestina. Este projeto não encontra resistência por parte do povo palestino, mas o aumento do fluxo de imigração leva a tensões e faz com que Londres reveja a sua posição a partir de 1929. “Confrontados após a guerra com o terrorismo judeu e a hostilidade árabe, os Ingleses retiram-se em 15 de maio de 1948” (BONIFACE, 2001:203), mas um dia antes Ben Gourion proclamava o nascimento do estado de Israel. Surge assim em 1948 a primeira de cinco guerras israelo-árabes, que termina em 1949 por um armistício que não é reconhecido pelos vizinhos árabes.

Todo este processo foi mais proveitoso para Israel, pois conseguiu mais 6400 km quadrados do que o plano inicial, o estado árabe nunca foi formado, e o reino da Transjordânia apoderou-se da Cisjordânia para formar a Jordânia no ano de 1950 (BONIFACE, 2011:203).

Quando em junho de 1967 deu-se a Guerra dos Seis Dias, foi provocada uma nova vaga de refugiados com a ocupação por parte de Israel da faixa de Gaza, da Cisjordânia, do Sinai e dos montes Golan.

A quarta guerra israelo-árabe dá-se em 1973, depois de Israel se ter recusado a evacuar os territórios ocupados. Este conflito tem por início o ataque concertado do Egito e da Síria durante a festa judaica do Yom Kippur (BONIFACE, 2001:204). Com o fim da guerra e com a derrota do Egito, foram assinados os acordos de Camp David

(1977) e de Washington (1978), que levaram ao reconhecimento por parte do Egito do estado de Israel e devolução do Sinai.

Nos anos 80 uma conferência internacional sobre a questão israelo-palestina não era desejada pelos americanos nem pelos israelitas (BONIFACE, 2001:205). Com a primeira Guerra do Golfo (1991) e com o insucesso das negociações oficiais de Madrid (fim de 1991), só restava esperar pelo êxito de novas negociações. Este sucesso surge com as negociações secretas concluídas em 1993, com o Acordo de Oslo assinado na capital norte-americana e que ficou célebre pelo aperto de mão de Itzhak Rabin e Yasser Arafat.

O Acordo de Oslo lança as bases para a criação de uma Autoridade Palestina (AP), com a Fatah a liderar. A AP nasce em 1994 na Cisjordânia e em Gaza, e em 1995 dão-se as primeiras eleições democráticas. Mas os atentados do Hamas e de extremistas religiosos israelitas (*Ibid*), bem como as dificuldades económicas palestinianas, comprometeram todo o processo de paz. Desde o início do conflito até aos dias de hoje que se arrastam questões relativas ao estatuto de Jerusalém, dos colonatos judeus nos territórios ocupados, bem como a sorte dos montes Golan sírio (*Ibid*). A OLP sempre ambicionou fazer de Jerusalém Oriental a capital do futuro estado palestiniano, ambição essa partilhada por Israel, com que faz que se oponha às ideias palestinianas. Com a eleição de Benjamin Netanyahu para o cargo de Primeiro-ministro em 1996, o processo de paz e as relações entre os dois estados têm azedado. Um dos episódios mais recentes que veio fragilizar ainda mais as relações entre os dois estados, foi o ataque por parte de Israel a uma frota pró-palestina que tentava furar o bloqueio a Gaza.

Esta dissertação tem como principal objetivo analisar as diferenças da cobertura noticiosa entre a imprensa tradicional e a *online*. Para verificar estas desigualdades na cobertura de notícias de âmbito internacional, recorreu-se a um estudo de caso inserido dentro do conflito israelo-palestiniano, que é o caso do ataque por parte do exército israelita à frota de ajuda humanitária pró-palestina, que tentou no dia 31 de maio de 2010 quebrar o bloqueio a Gaza.

A frota humanitária foi organizada pela ONG *Free Gaza*, que levava a bordo 750 ativistas e cerca de 10 mil toneladas de ajuda humanitária - alimentos e materiais de construção - para a Faixa de Gaza. A frota contava com um conjunto de seis barcos, que tinham deixado as águas internacionais junto à costa do Chipre no dia 30 de maio de 2010. E pretendiam chegar a Gaza no dia 31 de maio de 2010 (dia do ataque).

Segundo fontes militares citadas por vários media internacionais e nacionais, Israel teria advertido as embarcações para não invadirem águas territoriais. Como a frota não respondeu aos apelos da marinha israelita, esta foi obrigada a intervir para desviar os navios em direção ao porto de Ashdod, em Israel. Segundo os relatos de ativistas e dos vídeos que foram gravados na altura do ataque, a marinha israelita entrou no navio Mavi Marmara (um dos seis navios que integrava a “*Frota da Liberdade*”) por mar e por ar, atacando os ativistas a bordo. Este ataque teve como resultado a morte de 9 ativistas turcos, o que causou uma crise diplomática entre a Turquia e Israel.

A marinha israelita disse na altura ter respondido a disparos que partiram das embarcações humanitárias durante a abordagem. Mas, segundo os ativistas que estavam a bordo da embarcação atacada, disseram que o exército israelita entrou no navio a disparar indiscriminadamente sobre homens, mulheres e crianças.

A frota contava com pessoas de 60 nacionalidades diferentes, entre as quais Turquia, Grécia, Estados Unidos, Espanha, França, Alemanha, Suécia, Dinamarca, Brasil, Qatar, entre outras. Mas, também várias figuras conhecidas do mundo da escrita ou da política. Como por exemplo, Mairead Corrigan Maguire – Prémio Nobel da Paz em 1976, Henning Mankell – escritor sueco, Hedy Epstein – sobrevivente do Holocausto com 85 anos e dois políticos europeus.

Desde a tomada à força do poder na região de Gaza pelo grupo islâmico Hamas, em 2007, que o Egito e Israel decretaram o bloqueio quase total à entrada de mercadorias na Faixa de Gaza. A incursão da frota tinha como principal objetivo chamar a atenção da comunidade internacional para o bloqueio em Gaza.

Israel durante todo o processo tentou sempre colocar a culpa do lado dos ativistas, enquanto estes tentaram sempre colocar a culpa no exército israelita. Os relatórios das autópsias dos nove ativistas mortos do ataque mostram que foram mortos à queima-roupa, alguns com mais de três tiros e muito próximos a partes vitais do corpo (como se pode ler em alguns dos artigos que saíram na altura).

Não foram só as relações diplomáticas entre a Turquia e Israel que ficaram abaladas, mas também a tentativa de paz entre a Palestina e Israel sofreu um impasse. Devido a todas as circunstâncias que envolvem este acontecimento, que se pode colocar este dentro do demorado conflito israelo-palestiniano, que dura há várias décadas e ainda não se vê um final à vista. Este ataque representa mais um capítulo na história deste conflito enraizado do Médio Oriente.

Para analisar este episódio recorreu-se à análise de todo o ano de 2010 nos quatro meios de comunicação social anteriormente referidos (Público, Correio da Manhã, Diário Digital e Portugal Diário).

A escolha do jornal Público e Correio da Manhã no âmbito da imprensa tradicional recai sobre o facto de estes serem a antítese um do outro. O Público é conhecido dos leitores pelo seu rigor informativo e por ser um jornal de referência a nível nacional. Enquanto, o Correio da Manhã é um jornal mais popular e lido sobretudo pelas massas. Mas, outro fator que também pesou e se verificou durante a análise foi a diferença de abordagem e importância dada a temas de âmbito internacional.

Foram analisados um total de 730 jornais, onde foram encontradas notícias relativas ao conflito israelo-palestiniano em geral num total de 253 artigos analisados (158 no Público e 95 no Correio da Manhã). Sobre o caso em estudo foram encontradas um total de 90 notícias que referiam o ataque à frota pró-palestiniana (64 no Público e 26 no Correio da Manhã).

A opção de analisar todo o ano de 2010 e não só a partir do mês de maio de 2010 prende-se com o facto de poderem existir referências anteriores sobre a missão humanitária e consequentes reações por parte do governo israelita. De todos os órgãos de comunicação analisados (tanto impressos como *online*), só o jornal Público faz referência à frota humanitária e seus objetivos antes do dia 31 de maio (data em que se dá o ataque).

Para se chegar às conclusões deste estudo teve-se de criar categorias de análise que melhor se enquadravam nos objetivos e hipóteses que queríamos chegar. Para isto, foram criadas tabelas onde foram analisados vários parâmetros, como por exemplo, se as notícias tinham imagem, se tinham destaque na primeira página, a secção em que estava inserida, o espaço que ocupava dentro da publicação, tipo de fontes utilizadas, quais as palavras relacionadas com o caso de estudo e o conflito em si apareciam mais vezes (isto para percebermos o enquadramento dado à notícia), bem como o número de notícias que saíam em cada dia sobre o caso e o conflito em geral e ainda o levantamento dos títulos e subtítulos de todas as notícias relacionadas com o conflito israelo-palestiniano, mas principalmente sobre o ataque (pois é este o tema principal deste estudo). Em anexo estão disponíveis, alguns esquemas sobre a disposição das notícias tanto no jornal Público como no Correio da Manhã.

Quanto aos jornais online analisados, a justificação para a escolha do Diário Digital e do Portugal Diário, recai sobre o facto de o leque de imprensa feita exclusivamente para o online e com muita relevância no âmbito nacional ser muito reduzida. Mas, também por estes dois diários terem sido dos primeiros a surgir e os que são mais consultados.

Também nestes optou-se por analisar todo o ano de 2010. Ou seja, foram analisados 365 dias de cada diário *online*, com um total de 377 notícias encontradas sobre o conflito em geral (276 Diário Digital e 101 Portugal Diário) e 159 notícias sobre o estudo de caso que estamos a analisar nesta dissertação (111 Diário Digital e 48 Portugal Diário).

Toda a análise teve como auxiliar tabelas de organização de toda a informação analisada, estando esta dividida em categorias, como por exemplo: o número de notícias sobre o caso em estudo que sai em cada dia, as horas mais frequentes que sai, o dia da semana, se tem hiperligações, foto galeria ou vídeo galeria, a secção onde está inserida a informação, as fontes usadas pelo jornalista para construir a notícia, as palavras mais frequentes (isto para definir os enquadramentos), bem como os títulos e os subtítulos das notícias. Sendo estas duas últimas categorias, juntamente com as fontes usadas, e as palavras-chave, importantes para se perceber o enquadramento dado à informação/notícias sobre o caso em estudo.

A dissertação parte das seguintes questões de investigação:

- Há diferenças na cobertura feita do caso em análise na imprensa tradicional e na imprensa *online*?
- Estas diferenças são acentuadas pela plataforma em que são divulgados os acontecimentos noticiosos sobre o caso em estudo?
- As possíveis diferenças na cobertura de um acontecimento específico podem estar relacionadas com um diferente posicionamento editorial das publicações analisadas?

A nível de hipóteses, são colocadas as seguintes:

- Hipótese 1: Há diferenças assinaláveis na forma como é feita a cobertura de conflitos de âmbito internacional, utilizando como base o caso em estudo,

nos quatro meios de comunicação social em análise (Público, Correio da Manhã, Diário Digital e Portugal Diário);

- Hipótese 2: A imprensa tradicional e imprensa *online* cobrem de modo diferente acontecimentos de âmbito internacional, como o caso em análise;
- Hipótese 3: A cobertura feita pelos órgãos de comunicação social poderá estar relacionada com o seu posicionamento a nível editorial.

Toda a pesquisa terá como objetivo principal a comprovação destas hipóteses, bem como chegar a novas conclusões e encontrar temas para futuros trabalhos de investigação.

O tema da dissertação, além de ser atual, também é um assunto pouco estudado na área dos estudos dos média em Portugal. Isto verificou-se com a dificuldade em encontrar estudos similares ao que está presente nesta dissertação. Para além da atualidade que este tema tem, também é importante para se perceber as dinâmicas da cobertura noticiosa em Portugal de temas de internacional, mas não só. Isto também poderá ajudar a perceber melhor as práticas redatoriais da imprensa portuguesa, tipo de fontes que os jornais mais recorrem para a construção da informação, bem como entender se existe um padrão no dia da semana em que este tipo de casos ocorre. Este estudo bem assim colmatar uma lacuna nesta área de estudo, pouco aprofundada em Portugal.

Para se chegar às conclusões deste estudo e desenvolver toda a problemática recorreu-se à adoção de algumas metodologias e estudos similares ao que se desenvolveu nesta investigação. Bem como, à análise comparativa dos meios de comunicação anteriormente apresentados. Para esta análise recorreu-se ainda à construção de tabelas, divididas por parâmetros de observação.

O tema deste estudo traduziu-se pelo desenvolvimento do conflito israelo-palestiniano, e aquando da escolha da temática do estudo se ter dado o ataque à frota humanitária pró-palestiniana. No início a ideia da investigação passou por dividir a análise em três períodos fundamentais do conflito, mas que se verificou no decorrer do processo que seria inviável para este tipo de estudo. Com isto, e com o aconselhamento retirado de algumas entrevistas exploratórias chegou-se à conclusão que seria mais viável recorrer a um estudo de caso inserido dentro do conflito israelo-palestiniano e envolvendo a imprensa nacional tradicional e a online. Este estudo vem assim dar um contributo numa área de investigação pouco aprofundada em Portugal, e em que o

número de estudos similares é muito baixo. No entanto, conseguiu-se encontrar dois estudos algo similares, que abordam assuntos completamente diferentes, que são um estudo sobre “A Tempestade no Deserto e a Invasão do Iraque: a cobertura noticiosa do Público face aos dois conflitos”, apresentado no 6º Congresso da SOPCOM e da autoria de Rui Centeno e Helena Lima (2009). A outra investigação é relativa ao “Jornalismo e conflitos enraizados: identidade ao serviço da parcialidade”, da autoria de Ana Margarida Ladeira Fernandes, realizada no âmbito do mestrado em Comunicação e Jornalismo da Universidade de Coimbra (2009).

Estes dois estudos serviram de auxiliares para encontrar as metodologias que melhor se enquadrariam nesta investigação, bem como ajudaram no desenvolvimento do processo de escrita desta análise.

Para melhor organizar a informação do presente estudo, esta dissertação estará dividida em vários capítulos, onde serão abordados as temáticas essenciais para chegar às conclusões desta análise. No capítulo I encontra-se a apresentação da Descrição de Termos, onde é feita a descrição dos principais termos usados nesta dissertação.

No Capítulo II é abordada a Estrutura conceptual da dissertação, definindo a Problemática e Objeto desta, com vista a esclarecer melhor o problema central deste estudo.

A Revisão Bibliográfica vem no Capítulo III, onde se abordam os estudos similares que têm como tema central a mesma problemática desta dissertação. Enquanto a Metodologia vem apresentada no Capítulo IV, que é dividido em quatro subcategorias, que são: a Seleção de Técnicas, a Seleção de Temas, Recolha de Dados e a Análise dos Dados, onde está presente as teorias que auxiliam este estudo, bem como a apresentação e análise de todos os dados recolhidos.

O Capítulo V terá os Resultados e Discussão, onde se incluiu o subcapítulo da Descrição dos Resultados. Logo em seguida vem a Conclusão, onde estão presentes todas as conclusões a que se chegaram e se os objetivos/hipóteses propostos no resumo e no Capítulo I.1 se verificam.

Na Bibliografia estão presentes todas as obras consultadas, bem como publicações online, e ainda jornais e portais online.

Nos Anexos contarão com todos os gráficos, tabelas e imagens, que serviram de base a este estudo.

Alguns autores foram fundamentais para esta dissertação, pois ofereceram as bases para a construção deste estudo, como por exemplo o estudo de caso do Rui

Centeno e Helena Lima ou então a dissertação de Ana Margarida Ladeira Fernandes. Mas, outros estudos foram relevantes para a definição de termos, justificação de metodologias e enquadramento histórico do estudo de caso aqui abordado. Pode-se falar de Vasco Ribeiro, Danilo Rothberg, Marwan Bishara, Nelson Traquina, Bennett, Entman, Gamson, Norman Fairclough, Deacon, Philip Hammond, Mar de Fontcuberta, Mauro Wolf ou Alejandro Pizarroso Quintero, por exemplo.

CAPÍTULO I: DESCRIÇÃO DE TERMOS

Antes de se avançar para o próximo capítulo será feita a descrição de alguns termos usados na dissertação e que têm destaque principal para a compreensão do objetivo em estudo. Como, por exemplo, a definição de notícia, fonte, enquadramento, o que é a imprensa tradicional e a *online* (*Ciberjornalismo*), cobertura noticiosa, título, *lead* (subtítulos) e/ou objetividade. Esta descrição mostra a importância destes itens para a análise realizada.

Rogério Santos (1997:194) afirma que a “**notícia** é uma construção social da realidade”. Pois é na realidade que nos rodeia que o jornalista vai buscar a fonte de inspiração para criar factos e “estórias”. Para Mar de Fontcuberta:

“A notícia admite numerosas definições, desde as mais prosaicas (o estafado homem a morder o cão) até às mais filosóficas, passando pelas pragmáticas (tipo «tudo o que é importante ou divertido saber»)." (2002:7)

E é neste multiplicar de definições que o jornalista encontra a “razão de ser em dois conceitos-chave: acontecimento e atualidade” (FONTCUBERTA, 2002:13). É a partir dos acontecimentos que os meios de comunicação social “constroem a história”, enquanto a atualidade, segundo Mar de Fontcuberta:

“Divide o tempo em períodos idênticos (horas, dias, semanas ou meses) que servem de marco para a difusão de uma série de factos e valores, seleccionados entre todos os que ocorreram entre esses sucessivos intervalos". (2002:13)

Para se saber como os acontecimentos se tornam notícia, Nelson Traquina (2002) refere os doze valores-notícias enunciados por Galtung e Ruge (1965:1993), que levam o jornalista a transformar um acontecimento em notícia. Que são: a duração de um acontecimento (frequência); a amplitude do evento; a clareza; a significância; a consonância; o inesperado; a continuidade (“a continuação como notícia do que já ganhou noticiabilidade”); a composição (“necessidade de manter equilíbrio nas notícias pela diversidade de assuntos abordados”); referência a nações de elite; a referência a pessoas de elite (“valor-notícia da proeminência do agente do acontecimento” – fonte); a personalização (“referência às pessoas envolvidas”) e por último a negatividade (“o valor que se rege segundo a máxima *bad news is good news* – más notícias são boas

notícias”) (TRAQUINA, 2002:179). Estes valores-notícias são fundamentais para se verificar a importância do caso em estudo, e os fatores que levaram os órgãos de comunicação em análise para a escolha deste acontecimento como notícia.

As notícias têm como objetivo dar no título e no *lead* (subtítulos) a máxima informação possível acerca de um acontecimento. Através destes dois elementos consegue-se perceber o enquadramento dado pelo jornalista à “estória”. Como Mar de Fontcuberta afirma:

“A estrutura da notícia foi concebida para dar a máxima informação no menor tempo ou espaço possível. Ao longo do *lead* e do corpo responde às perguntas: que sucedeu? Quem são os protagonistas? Onde, quando e por que sucedeu?”. (2002:57)

Um dos fatores mais importantes para a construção de uma notícia são as fontes de informação, que podem ser de vários tipos. Como Vasco Ribeiro (2006) afirma: “toda a comunicação humana tem uma fonte”. Isto é, todos os acontecimentos ou processos comunicativos são despoletados por uma pessoa ou por um grupo de pessoas, que têm de ser traduzidos em forma de mensagem (RIBEIRO, 2006:11). Enquanto Berlo (2003) citado por Vasco Ribeiro diz que “a fidelidade da comunicação é determinada pela capacidade do codificador expressar perfeitamente o que a fonte quer dizer” (RIBEIRO, 2002:11).

Para os órgãos de comunicação social as relações com as fontes de informação são fundamentais, pois constituem por vezes “um ativo processo binário” (McQUAIL, 2003:291). Toda a informação está vulnerável à influência de fatores externos (RIBEIRO, 2006:12). Pois existem fontes que conseguem moldar os conteúdos noticiosos, “bloquear ou acelerar a sua difusão e aumentar ou diminuir o seu impacto público” (RIBEIRO, 2006:12). Enquanto Rogério Santos (1997:194) afirma que “a fonte procura relevar os acontecimentos favoráveis e escamotear tudo o resto que seja prejudicial aos seus interesses”.

As fontes são fundamentais para perceber se existiram tentativas de manipulação ou silenciamento das notícias/factos sobre o caso em estudo.

“A adequação e produção de notícias implicam enquadramentos, rotinas, a contextualização dos acontecimentos” (SANTOS, 1997:194). Os enquadramentos ou *frames* são também fundamentais para perceber o posicionamento editorial de uma

redação. Os enquadramentos usados nas notícias também estão relacionados com as fontes de informação, que podem influenciar este.

Os enquadramentos ou *framings* aumentam assim, segundo Entman (2007:164), “a saliência ou importância aparente de certas ideias, ativando esquemas que encorajam o público-alvo a pensar, sentir e decidir de maneira particular”. Ou seja, na prática jornalística, segundo Rothberg os enquadramentos são construídos através:

“Procedimentos como seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspetos e informações, de forma a compor perspectivas gerais através das quais os acontecimentos e situações do dia são dados a conhecer”. (2007:3)

Esta temática será mais desenvolvida no Capítulo IV, onde são abordadas as metodologias empregadas nesta dissertação.

O jornalismo e a escrita jornalística deviam se pautar sobretudo pelo rigor e objetividade, o que nem sempre acontece. É a objetividade que sustenta a confiança por parte das audiências nas notícias (McQUAIL, 2003:507). A objetividade incluiu a “precisão factual, inexistência de parcialidade, separação dos factos e comentários, transparência acerca das fontes e não tomada de partido” (McQUAIL, 2003:507). Mas, este termo é muito contestado, principalmente por muitos autores considerarem que na realidade é impossível se atingir a objetividade, como McQuail afirma:

“Todas as notícias são ideológicas, e a objetividade é tida pelos críticos como sendo outra ideologia”. “Os requisitos da objetividade tornam possível as fontes manipularem as notícias e só servem para esconder a «parcialidade», seja intencional ou não”. (2003:507)

Todos os elementos abordados anteriormente estão presentes na construção noticiosa da imprensa tradicional e na online, tendo no entanto algumas diferenças entre dois tipos de imprensa.

A imprensa escrita tradicional é considerada como o modelo de todos os meios de comunicação de massas modernos e as notícias são o foco principal (McQUAIL, 2003:341). Os jornais são assim o veículo que transporta as notícias/atualidade até ao consumidor final ou leitor. São constituídos por secções que tratam vários temas de interesse para a sociedade, como por exemplo, temas de política, internacional – que é o

enfoque desta dissertação, sociedade, cultura, desporto, entre outras secções ou editorias. Atualmente, podemos encontrar muitas das publicações impressas na internet, meio que veio abalar o negócio da imprensa escrita feita tradicionalmente no papel.

A imprensa *online* ou *ciberjornalismo* como Helder Bastos (2008:174) afirma “constitui hoje, simultaneamente, um campo de estudo e uma realidade profissional em crescente afirmação”. A interatividade é a imagem de marca da imprensa *online*, pois permite que o leitor interaja com o conteúdo informativo e construa a sua própria pirâmide invertida – técnica de construção noticiosa, onde no início vem a informação mais importante e no fim a menos importante. Mas, também abarca hiperligações, que ligam a notícia a outras páginas de informação complementar, a fotos e vídeos sobre o tema do facto noticiado.

CAPITULO II: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A principal dificuldade desta dissertação prendeu-se com o facto de não existirem investigações semelhantes sobre o caso em estudo. No entanto, foram encontrados dois artigos que abordam de uma maneira ou de outra os pontos principais desta dissertação.

A dissertação de Ana Margarida Ladeira Fernandes (2009), com o tema *Jornalismo e conflitos enraizados: identidade ao serviço da parcialidade* aborda um outro conflito enraizado, localizado na Irlanda. A investigação de Margarida Fernandes aborda a “guerra” entre cristãos e protestantes, e a forma como estes casos de guerrilha são tratados na imprensa local. No caso desta dissertação abordamos um conflito mais extenso e que ainda persiste, que é o conflito israelo-palestiniano. No caso da análise, esta não incide na imprensa local, mas sim na nacional.

No caso do segundo estudo analisado para esta dissertação, é feita a análise da cobertura de dois conflitos diferentes no mesmo meio de comunicação social. A investigação de Rui Centeno e Helena Lima que tem por tema *A Tempestade no Deserto e a Invasão do Iraque: a cobertura noticiosa do Público face aos dois conflitos* pretende:

“Aferir as analogias e diferenças em termos de estratégias editoriais face ao mesmo cenário de guerra em momentos históricos distintos. A abordagem tem como base comparativa o espaço noticioso, a hierarquia e os estilos utilizados”. (CENTENO e LIMA, 2009:2551)

Estes dois estudos encaminharam a presente dissertação para análise comparativa de dois estilos de imprensa, uma tradicional e outra online. Onde se tenta perceber as principais diferenças de cobertura de um conflito enraizado e com muita importância a nível internacional. É neste sentido que os estudos apresentados são semelhantes, mas também a nível de metodologias apresentadas. Ambos os estudos têm em comum o uso do framing e da análise de conteúdo, como metodologia.

A nível de abordagem de conflitos, Margarida Fernandes (2009) afirma que num conflito longo os futuros jornalistas que estão inseridos e crescem nessa zona:

“Formam-se dentro desse clima de tensão, socializando-se dentro de um conflito, bem antes de ser jornalista. A sua formação identitária revela-se então na forma como pensa, reage, comunica o que vê e se expressa sobre os que lhe são próximos” (2009:1).

Ou seja, o enquadramento que este jornalista vai fazer das “estórias” que passam à sua volta vai estar contaminado pelas suas vivências no meio em que está inserido. “Um jornalista, apesar de se guiar pela regra da objetividade, nunca será um robot frio que reporta mecanicamente o que vê”.

No caso da presente dissertação o objetivo é verificar se o posicionamento que o jornalista tem sobre o conflito israelo-palestiniano se reflete nos enquadramentos das “estórias” que escreve.

Como o artigo de Rui Centeno e Helena Lima (2009) refere:

“A noticiabilidade da guerra é feita pelos órgãos de comunicação social de acordo com determinados processos de construção – framing – entendidos como guiões de perceção dos acontecimentos, através de símbolos e de representações estereotipadas” (2009:2555).

Mas, para se identificarem os enquadramentos usados nas notícias publicadas sobre o ataque à frota pró-palestiniana de ajuda humanitária foi necessário proceder a uma Análise de Conteúdo e Análise Crítica de Discurso.

Para Margarida Fernandes (2009), a Análise Crítica de Discurso é justificada para quando se tem dois diários diferentes, dentro de um mesmo contexto, têm por norma discursos diferentes sobre o mesmo assunto. Mas, as diferentes fases do conflito equivalem também a um tom diferente nos textos jornalísticos. No caso da presente dissertação procedeu-se à análise de dois jornais escritos (Público e Correio da Manhã) e dois jornais exclusivamente online (Diário Digital e Portugal Diário), para tentar perceber se estes têm discursos diferentes perante a mesma “estória” jornalística.

Entenda-se como conflito enraizado aqueles que “são persistentes e destrutivos, mesmo após várias tentativas de resolução” e têm como principal característica “a sua longa duração, violência continuada, sensação de insolubilidade e o investimento elevado” (FERNANDES, 2009:13).

Para Margarida Fernandes (2009), a informação tem a tendência de ser filtrada e distribuída por vários meios e canais todos os dias:

“Mesmo que de uma forma passiva, fechada, sem ter essa intenção explícita, impedindo a percepção do «outro» como o «melhor do que parece» e a perspetivação da paz como possível” (2009:17).

Citando Carruthers que afirma:

“Em muitos casos, o apoio dos média a soluções militares numa crise diplomática é ocasionada por seguirem uma linha governamental, mais do que por definirem uma agenda de promoção de guerra” (FERNANDES, 2009:51).

É nesse sentido que esta dissertação também quer ir, tentar perceber se os diferentes enquadramentos usados pelos média poderão estar relacionados como o posicionamento político e com as próprias crenças do jornalista que escreve as peças jornalísticas analisadas.

A relação dos jornalistas com as fontes também é importante para perceber as dinâmicas que levam determinado jornalista a escolher um certo enquadramento ou moldura para a “estória” que está a relatar. E é nessa perspetiva que Livingston e Eachus, citados por Margarida Fernandes (2009), referem:

“ É importante termos consciência que as notícias são perpetuamente moldadas por atores oficiais e que mudanças da agenda das mesmas ocorrerão por causa desses autores” (2009:55).

Mas, nem só os textos jornalísticos são importantes numa “estória”, as imagens também são importantes. No caso em estudo foram os vídeos e as imagens divulgadas que fizeram que o caso se tornasse conhecido da opinião pública. No caso da imprensa tradicional encontramos imagens retiradas dos vídeos divulgados ou imagens onde é espelhado uma parte da realidade do local onde ocorreu o acontecimento. Na imprensa online são disponibilizados os vídeos gravados na altura que o acontecimento em estudo ocorreu, mas também existem imagens do sucedido, que dão ao leitor uma visão diferente do caso em estudo. Como Tim Allen e Jean Seaton, citados por Margarida Fernandes (2009), afirmam:

“Os sumários de eventos rapidamente impressos, combinados com imagens que apelam ao coração, mas menos ofensivas, em tempo real mas manipulado, que tornam o modelo dominante (Efeito CNN), têm por detrás uma crise nos valores jornalísticos, descurados muitas vezes em nome de uma política, de uma ideologia, ou de lucro nas vendas” (2009:55).

O Efeito CNN está relacionado com a instantaneidade dada pelas imagens televisivas, e ficou mais conhecido durante a primeira Guerra do Golfo, que foi aliás a primeira guerra a ser transmitida em direto 24 horas por dia. Como Margarida Fernandes (2009) refere, citando Carruthers, com o uso de “satélites móveis, os jornalistas podem agora proporcionar uma cobertura em tempo real de conflitos e desastres pelo globo” (2009:53). Ou seja, a CNN trouxe a sensação de “informação em tempo real, encurtando o período de receção aos jornalistas, aos políticos e também ao público” (FERNANDES, 2009:53). Esta instantaneidade da informação acarreta consequências negativas para as entidade no poder, pois segundo Margarida Fernandes:

“A cobertura de uma determinada situação de crise que é transmitida para o público e leva os jornalistas e líderes de opinião a pedir aos governos que façam algo, tornando a pressão pública insuportável e, consequentemente, impondo uma alteração na ação política”. (2009:54)

Outro dos objetivos da presente investigação é verificar também se ocorreu o chamado *Efeito CNN*, e se com o desenrolar dos acontecimentos existiu uma alteração das atitudes dos principais intervenientes no caso em estudo. Como por exemplo, se com a pressão internacional que sucedeu após o ataque à frota pró-palestiniana que tentava furar o bloqueio a Gaza, o governo israelita cedeu e levantou provisoriamente esse bloqueio à entrada de bens alimentares e para a construção.

Relativamente à escrita das “estórias” e da forma como os jornalistas transmitem estas à opinião pública, ou seja, o enquadramento que o jornalista vai escolher para relatar o acontecimento vai o tornar mais ou menos importante. Para Francisca Ester de Sá Marques, citada por Margarida Fernandes (2009), é no que relato que o jornalista usa “uma argumentação, o convencimento do leitor de uma verdade e a descrição do enquadramento, regulação e efetivação do procedimento que legitimam essa verdade”, que é a verdade que o jornalista impõe (2009:58). E é esta verdade escolhida pelo

jornalista que vai dar muita importância ou nenhuma a um determinado acontecimento, e que está pendente da “agenda que escolhem, o interesse e pertinência do tema, seja pela proximidade ao público, seja por motivos menos nobres definidos por outras regras de mercado” (FERNANDES, 2009:58).

É neste sentido que se chega ao conceito de objetividade jornalística, um conceito muito polémico no meio, pois existem muitos autores que defendem que os jornalistas não podem ser objetivos no relato de acontecimentos subjetivos. Para Raphael Cohen-Almagor, citado por Margarida Fernandes (2009):

“O conceito de objetividade alude à forma como as notícias são criadas e reportadas na seleção de factos, a sua formatação, enquadramento e formação na agenda pública com ou sem relação com valores”. (2009:61)

No entanto, Woodrow, também citado por Margarida Fernandes (2009), refere:

“Toda e qualquer informação é forçosamente subjetiva. É apresentada por um jornalista, isto é, por um humano, com a sua sensibilidade, o seu caráter, a sua história, as suas opiniões, os seus talentos e os seus limites”. (2009:61)

Mas, para Spencer, que é citado por Margarida Fernandes (2009), a objetividade é:

“Ilusória por causa das aflições ao poder político, constrangimentos organizacionais, a previsibilidade da construção das reportagens e o alcance limitado das notícias”. (2009:62)

No papel decisivo de influência dos média constata-se mais uma vez o papel do enquadramento na definição da linha lógica de transmissão dos acontecimentos, como refere Margarida Fernandes (2009) “o enquadramento aparece deste modo, mais uma vez, como o grande definidor do ódio” (2009:76). Citando Almagor, que acrescenta que se “pode conceder que as palavras que expressam uma opinião num contexto, possam tornar-se incendiários quando direcionadas a uma audiência inflamável” (FERNANDES, 2009:76).

Numa análise dos média também é fundamental analisar o discurso que estes têm junto das audiências. No caso da presente dissertação, optou-se por analisar todas as notícias que saíram sobre o caso em estudo, para tentar perceber de que forma o discurso entre o jornal A difere do discurso do jornal B, ou se meio A usa formas de abordagem diferentes do caso em estudo do meio B. É neste sentido que Margarida Fernandes (2009) fala quando aborda a *Análise do Discurso Mediático* teorizada por Teun Van Dijk e Norman Fairclough.

“Os eventos comunicativos são para Fairclough «uma espécie de monólogo», que confere poder às instituições e aos repórteres, reconhecido pelos políticos ou elites de poder, já que as audiências não podem contribuir diretamente para a comunicação” (FERNANDES, 2009:84).

Mas, as fontes também são um fator importante na elaboração das “estórias” jornalísticas. Como Cornu refere, as “fontes procuram fazer passar certas informações” (FERNANDES, 2009:86). É nesta base que é importante a análise das fontes, a relação que os jornalistas têm com elas, e de que forma as fontes podem influenciar o enquadramento dado a um determinado acontecimento.

“A fonte é a origem do ato noticioso e a sua seleção envolve maioritariamente questões de tempo e contexto social, ficando o texto jornalístico limitado a uma ou duas vozes, sem testemunhos contraditórios” (FERNANDES, 2009:91).

Ou seja, e como Margarida Fernandes (2009) refere:

“A maioria das notícias acaba por ser, deste modo, a mediação dos discursos das elites, e constituem versões da realidade que dependem de posições e interesses sociais e objetivos daqueles que as produzem” (2009:92).

Desta forma, o estudo de Margarida Fernandes veio contribuir para a busca das metodologias que melhor se adaptam ao foco que se quer dar a esta dissertação de mestrado. A seleção de técnicas de análise vem no capítulo seguinte, onde também será abordada toda a recolha de dados e análise dos mesmos.

CAPÍTULO III: METODOLOGIA

III.1. SELEÇÃO DE TÉCNICAS

A nível de metodologias de análise, adequa-se mais a este estudo a utilização da Análise de Conteúdo, Análise Crítica de Discurso e o *Framing* (Teoria do Enquadramento). As metodologias são muito importantes para dar as respostas aos “problemas e interrogações que se levantam nos diversos âmbitos do trabalho” (REIS, 2010:57). Mas, também a “organização crítica das práticas de uma investigação que se desenrola, desde a conceptualização, e que vai permitir chegar a conclusões fiáveis e consonantes com os propósitos iniciais que o mestrando se propõe encetar” (*ibid*).

A Análise de Conteúdo ganha particular destaque a partir do século XX e nasce de uma longa tradição de abordagem de textos. Na realidade, este tipo de análise trata-se de uma “sistematização, da tentativa de conferir maior objetividade a uma atitude que conta com exemplos dispersos, mas variados, de pesquisa com textos” (ROCHA *et al.*, 2005: 307).

A escolha da Análise de Conteúdo incidiu no facto de:

“Quantificar dados observáveis de um número considerável de textos, utilizando a estatística para fazer amplas inferências acerca dos processos de representação” (DEACON *et al.*, 1999).

Mas, para Olabuenza e Ispizúa (1989) a Análise de Conteúdo é:

“Uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de conteúdos, que analisados adequadamente nos abrem as portas ao conhecimento de aspetos e fenómenos da vida social de outro modo inacessíveis” (1989:60).

Na Análise de Conteúdo a matéria-prima pode constituir-se de qualquer material oriundo da comunicação verbal e não-verbal, como jornais, revistas, livros, cartas, cartazes, relatos autobiográficos, entrevistas, fotografias, entre outros meios. Mas, todos os dados que chegam ao investigador têm de ser processados para assim facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspire a Análise de Conteúdo. Consoante a abordagem que a investigação quer seguir, pode-se escolher dois rumos diferentes: uma análise mais quantitativa, dedutiva, de verificação de hipóteses, em que

os objetivos são definidos de antemão de modo bastante preciso (MORAES, 1999). É esta a fase essencial do planeamento inicial que antecede e orienta as fases posteriores da investigação, especialmente ao que concerne à definição dos dados e aos procedimentos específicos de análise (MORAES, 1999). O outro rumo que se pode escolher numa análise é a abordagem qualitativa, construtiva ou heurística, que pode ocorrer em parte durante o processo de investigação. Neste tipo de abordagem, as categorias de análise podem surgir ao longo do estudo, bem como a orientação mais específica do trabalho, os objetivos no seu sentido mais preciso, que são delineados no decorrer da investigação (MORAES, 1999).

A Análise de Conteúdo é uma das metodologias mais usadas, pois exige:

“Quantificação de unidades de sentido a serem definidas de acordo com a amostra pesquisada. Muitas vezes, definem-se termos chave envolvidos nos temas estudados, e cada ocorrência deles é somada, a fim de gerar uma espécie de radiografia dos significados presentes no texto” (ROTHBERG, 2007:12).

Para a análise dos jornais, tanto impressos como os online, da presente investigação, foram criadas tabelas para quantificar determinados parâmetros, como por exemplo a frequência de notícias sobre o caso em estudo, em que dias da semana saíram, se existem imagens, destaque na capa, as fontes usadas, as palavras mais usadas, bem como a importância do título e lead. Pois a:

“Análise de temas não se baseia no uso de palavras isoladas como elementos básicos de conteúdos implícitos, mas em padrões de reconhecimento de ideias e temas no texto, colocando-os de seguida em categorias predeterminadas” (DEACON *et al.*, 1999).

A Análise de Conteúdo permite classificar e descrever sistematicamente o conteúdo comunicacional. Podemos estabelecer esta através de categorias de investigação, como por exemplo o tipo de fontes usadas ou palavras com maior destaque nas notícias.

Como Danilo Rothberg (2007) refere existem “pesquisas que combinam análise de conteúdo e de discurso, captando ao mesmo tempo dimensões quantitativas e qualitativas dos significados dominantes em uma matéria” (2007:12). É neste sentido que também se optou pela Análise de Discurso na presente investigação.

Em relação à Análise Crítica de Discurso ou Análise do Discurso Mediático, como Margarida Fernandes (2009) aborda no seu estudo, justifica-se pois se tivermos dois diários diferentes, dentro do mesmo contexto, têm discursos diferentes sobre o mesmo assunto. E as diferentes fases do conflito equivalem também a um tom diferente nos textos jornalísticos. Segundo Fairclough, a Análise de Discurso é a “abordagem mais completa da análise crítica do discurso, reconhecendo a micro e a macro estrutura existente num texto” (FERNANDES, 2009:82). Para Fairclough os eventos comunicativos são:

“Uma espécie de monólogo, que confere poder às instituições e aos repórteres, reconhecido pelos políticos ou elites de poder, já as audiências não podem contribuir diretamente para a comunicação” (*ibid*).

A Análise Crítica do Discurso é um tipo específico de análise do discurso sociopolítico, que enfatiza as formas específicas da linguística e que podem ter efeitos sobre a maneira como um acontecimento ou fenómeno é compreendido. Como Fairclough (1989:20) afirma, a linguagem é como uma “forma de prática social” (*ibid*).

Para entendermos melhor, podemos explicar a Análise de Discurso como uma das formas de “analisar a relação entre o sentido e a linguagem, bem como as suas repercussões sociais e políticas” (CARVALHO, 2009:143).

Com isto, para esta análise é fundamental verificar o estilo de cada um dos meios, o género, bem como a linguagem utilizada, metáforas e até fontes utilizadas. Todos estes fatores nos ajudarão a compreender melhor as diferenças existentes na cobertura do caso em estudo, mas não só. Também permitirá verificar o posicionamento político de cada um dos órgãos de comunicação social analisados, juntamente com os enquadramentos e análise de conteúdo.

A Análise de Discurso também é “empregada com frequência na descrição de enquadramentos, produzindo um olhar de corte qualitativo” (ROTHBERG, 2007:12).

Por último, o Framing ou Teoria do enquadramento é segundo Pan e Kosicki uma das formas de verificar a “interação entre o discurso noticioso e a construção de conhecimento do público sobre as questões” (1993:59). É através dos enquadramentos que as elites perpetuam os seus interesses na opinião pública. Para Gaye Tuchman, as molduras (framing) são padrões persistentes que cumprem seis propósitos: padrões de cognição (obtenção de informação), interpretação, apresentação, seleção, ênfase e

exclusão. Isto é, quando os jornalistas são confrontados com as limitações de tempo, têm por hábito simplificar a informação que passa para as audiências. Para Betania Maciel, que refere Yenger e Kinder (1987), existem dois tipos de enquadramentos ou molduras: o temático e o episódico. O temático “leva em conta os temas políticos e os acontecimentos em um contexto geral, apresentando uma cobertura orientada desde o contexto, até às condições gerais” (2005:5). Enquanto o episódico “centra-se sobre eventos específicos ou casos particulares, ou melhor, trata-se de uma cobertura orientada a partir dos acontecimentos particulares” (2005:5).

Para Entman (2003) o “enquadramento é o processo central pelo qual os funcionários do governo e os jornalistas fazem influência política sobre si e sobre o público” (2003:417). Pois para Entman uma:

“Comunicação política bem sucedida exige a elaboração de eventos, questões e atores de uma forma a promover percepções e interpretações que beneficiam um lado ou prejudicam outro” (2003:417).

O framing leva à percepção que:

“Os enquadramentos introduzem ou aumentam a saliência, ou importância aparente de certas ideias, ativando esquemas que encorajam o público-alvo a pensar, sentir e decidir de maneira particular” (ENTMAN, 2007:164).

Gamson e Modigliani (1989), citados por Danilo Rothberg (2007) afirmam que os enquadramentos funcionam como “pacotes interpretativos” que conferem sentido a um assunto. Estes pacotes são capazes de “construir significados ao longo do tempo, incorporando novos eventos aos seus enquadramentos interpretativos” (2007:4). Ou seja:

“Os enquadramentos não devem ser confundidos com posições a favor ou contra alguma medida política, assim como nem todo o pacote pode ser identificado com uma clara posição política” (ROTHBERG, 2007:4).

Podemos estabelecer a relação do framing com uma fotografia. Pois como na fotografia, o framing implica a escolha de ângulo específico e deixa de fora

determinados elementos que compõem a realidade. Ou seja, é o “resultado de seleção e composição”, um processo de “perspetivação e enquadramento” (CARVALHO, 2009:145).

Todos estes elementos são fundamentais para se chegar à comprovação das hipóteses propostas no início desta dissertação. Pois, como Rothberg afirma:

“A garantia de credibilidade dos resultados vem da constante verificação da classificação das unidades de sentido que vierem a sustentar determinado enquadramento, por meio de procedimentos de cruzamento e confiabilidade entre codificadores” (2007:12).

Estes elementos metodológicos em conjunto ajudarão a fundamentar melhor as conclusões deste estudo e comprovar a existência ou não de diferenças na cobertura noticiosa da imprensa portuguesa. Se a imprensa digital utilizou as potencialidades do meio online para fazer uma cobertura do caso em estudo mais aprofundada, comparativamente à imprensa tradicional (em papel).

Para auxiliar a pesquisa dos jornais impressos e dos portais de notícias *online*, elaborou-se uma tabela de análise para ser preenchida conforme a investigação ia prosseguindo. Esta tabela – uma para cada periódico analisado – na vertical está dividida por meses e dias e na horizontal encontram-se alguns tópicos que permitem chegar a alguns dos objetivos propostos no início desta dissertação. Estes tópicos na horizontal têm uma pequena variação na análise dos jornais *online*. No caso da imprensa tradicional usamos os seguintes parâmetros: se o jornal tem imagem associada à notícia, se as notícias têm destaque na primeira página, em que secção se encontram, que tipo de fontes que estão mais presentes, os autores das peças jornalísticas, as palavras com mais impacto e mais frequentes, os títulos usados e os subtítulos (*leads*) e por fim o número de notícias que podem sair sobre o mesmo acontecimento num mesmo dia. No caso da imprensa *online* a tabela sofre uma pequena variação, pois não se pode verificar se as notícias tiveram destaque principal na primeira página, visto que a análise, deu-se passado quase um ano após o acontecimento ocorrer. Com isto, os parâmetros da análise da imprensa *online* cingiram-se ao número de notícias que saíram no mesmo dia sobre um mesmo assunto (através deste parâmetro pode-se verificar a importância que determinado acontecimento teve), se os factos noticiosos têm associados hiperligações,

vídeo ou foto galeria, a secção onde estão inseridos, as fontes privilegiadas para a construção da notícia, as palavras-chave mais relevantes, os títulos e subtítulos.

III.2. SELEÇÃO DE TEMAS

“A segunda guerra de Gaza, Israel perdeu-a no mar (...) O cerco (de Gaza) tornou-se no Vietname de Israel” (Brandley Burston, analista do Diário Haaretz, in Público dia 1 de junho). É sobre o conflito israelo-palestiniano que esta dissertação incide, em específico sobre o caso do ataque no dia 31 de maio de 2010 a uma frota pró-palestiniana que tentava furar o bloqueio a Gaza. Pois, segundo Robert Park:

“Se é o inesperado que acontece, não é todo o inesperado que aparece nas notícias. Os acontecimentos que foram notícias no passado, como no presente, são de facto coisas esperadas...são no seu conjunto os acidentes e incidentes para os quais o público está preparado...as notícias são feitas daquilo que se teme ou que se deseja” (1967:45).

A ideia inicial desta dissertação passou por comparar três períodos importantes do conflito, para dar uma perspetiva mais alargada da cobertura noticiosa feita em Portugal sobre este conflito em específico. Estes três períodos teriam como primeira fase a análise das notícias relativas ao início da querela entre israelitas e palestinianos, seguidamente seria feita uma análise da imprensa mais ou menos a meio do conflito e a última parte de análise incidiria sobre o ataque à frota, que na altura tinha sido o último capítulo do conflito israelo-palestiniano. Após conversas com alguns professores especialistas na área e com o orientador, a investigadora decidiu optar só pela análise de um estudo de caso relacionado com o conflito israelo-palestiniano. A escolha do facto mais recente do conflito deu-se por se querer fazer também uma análise da imprensa feita exclusivamente para o *online*, complementando assim a análise à imprensa tradicional. Mas, esta escolha também incidiu sobre o facto de não existirem estudos em Portugal sobre a cobertura do conflito israelo-palestiniano em específico, nem sobre a comparação da cobertura entre os dois estilos de imprensa (online e tradicional).

Com isto, a análise foi direcionada para a análise de dois jornais escritos diferentes, um deles de referência – Público e outro de âmbito popular – Correio da Manhã. E para dois exclusivamente feitos para o *online*, que são o Diário Digital e Portugal Diário. Toda a análise cinge-se ao ano de 2010, apesar de o caso em estudo só ocorrer no dia 31 de maio de 2010. A análise de todo o ano justifica-se por se poder

encontrar notícias que anunciem a preparação de uma frota de ajuda humanitária que vá quebrar o bloqueio ou que anuncie a chegada desta a Gaza. Enquanto a análise após o dia 31 de maio justifica-se para se verificar uma mudança de paradigma nos discursos dos países diretamente envolvidos no caso em estudo, bem como dos meios de comunicação social que relatam os acontecimentos. Pois como Pricila Aparecida Aita (2010) afirma “os média apresentam ao público os principais assuntos que aconteceram no país e no mundo, mas cada media tem um diferente tipo de abordagem para um mesmo assunto” (2010:1). É neste sentido que a presente investigação pretende ir, encontrar as diferenças de abordagem do caso em estudo. Para tentar chegar à comprovação desta hipótese, procedeu-se à recolha de dados dos quatro órgãos de comunicação social anteriormente referidos.

Para perceber alguns dos aspetos de como é feita a cobertura das ‘estórias’ que acontecem fora de Portugal recorreu-se à análise de dois jornais nacionais generalistas de grande tiragem – Público e Correio da Manhã. Estes dois periódicos representam duas realidades da imprensa nacional, uma mais de elite e outra de cariz mais popular. Para contrapor à análise da imprensa tradicional também se procedeu à análise dos *ciberjornais*, Diário Digital e Portugal Diário.

O Público é considerado um dos jornais portugueses com maior prestígio, pautado por uma informação rigorosa e elitista. O jornal Público nasceu em 1989 com capitais da SONAE, do engenheiro Belmiro de Azevedo (QUINTERO, 1996:381) e era dirigido por Vicente Jorge Silva.

O Público surgiu com inovações importantes a nível do conteúdo, como o tratamento de fundo de um assunto diário, e no domínio da representação gráfica. Em formato tabloide conseguiu fazer a síntese do formato com a introdução de cor a partir da primeira página, considerado por muitos uma inovação a nível europeu. O conteúdo e o seu tratamento assemelhavam-se ao El País, de Madrid (QUINTERO, 1996:381).

Desde o primeiro número que é considerado um jornal de referência a nível nacional, pois foi implementado na classe política, nos meios de negócios e nos meios intelectuais. Com isto, ultrapassou o Diário de Notícias, mas não alcançou os grandes jornais de cariz mais popular, como o Correio da Manhã e o Jornal de Notícias.

O Público também conseguiu ser o primeiro jornal nacional multirregional, que ainda atualmente tem uma edição em Lisboa e outra no Porto, mas também foi o primeiro a ter um suplemento diário em espanhol. Esta última inovação foi abandonada após o jornal ter acumulado prejuízos (*Ibid*). Com o acumular de prejuízos, Belmiro de

Azevedo vendeu parte do capital ao Banco Português de Investimentos, ao El País (Espanha) e ao La Republica (Itália). Hoje em dia o Público integra uma sub-holding da SONAE para as áreas da comunicação, a Sonaecom.

Em 1995, o Público começa a perder leitores do centro-direita, quando durante as eleições o jornal decidiu inclinar-se para o lado socialista. Para agravar os problemas, para além da queda na venda de jornais juntou-se a crise da publicidade de imprensa devido ao aparecimento das estações privadas de televisão, que fizeram preços de combate nos contratos comerciais (QUINTERO, 1996:382). O ano de 1995 também ficou marcado pelo registo online do jornal, quando é criado em setembro desse ano o Público Online (que atualmente é designado por Público.pt). A 6 de setembro de 1999 o sítio na internet deste diário começa a integrar um serviço autónomo de notícias, que é atualizado várias vezes por dia.

Ao longo da sua história, o jornal Público já teve como diretores Vicente Jorge Silva, Francisco Sarsfield Cabral, Nicolau Santos, José Manuel Fernandes – que ocupou o cargo durante 11 anos e que cedeu o lugar a Bárbara Reis.

Atualmente, o jornal Público é o único jornal português com Livro de Estilo, editado em 1997 para “partilhar com os leitores as bases do projeto Público e as regras que fizeram do jornal um diário líder no segmento das publicações de referência”, como está escrito na contracapa do Livro de Estilo (2005).

A intenção do Público em criar um modelo informativo sério e simultaneamente inovador está presente no seu estatuto editorial, disponível no seu Livro de Estilo:

“O Público é um projeto de informação em sintonia com o processo de mudanças tecnológicas e de civilização no espaço público contemporâneo. Público é um jornal diário de grande informação, orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica. Público inscreve-se numa tradição europeia de jornalismo exigente e de qualidade, recusando o sensacionalismo e a exploração mercantil da matéria informativa.” (PÚBLICO, 2005:21)

O Correio da Manhã foi o jornal escolhido para fazer a comparação com o Público na análise desta dissertação. Fundado em 1978 por Vítor Direito, Nuno Rocha e Carlos Barbosa, foi o único jornal diário da época pós 25 de Abril a triunfar e a obter sucesso duradouro (QUINTERO, 1996:379). Este diário foi apoiado pelas estruturas do

Tempo, o que incluía a sua própria gráfica (Grafinova), por Carlos Barbosa na área comercial e por Eduardo Morais na administração financeira. Estes três elementos fizeram com que o Correio da Manhã fosse o jornal português de maior tiragem e expansão do país (*ibid*).

O Correio da Manhã é considerado por “alguns especialistas como o melhor tabloide europeu”, por ter conseguido fazer a síntese entre o jornalismo popular e o jornalismo de rigor. Este estatuto é conseguido por este diário recorrer a grandes títulos para criar as suas manchetes, mas raras vezes foi desmentido ao longo da sua existência (*Ibid*).

No ano de 2000, a empresa Presslivre, que era proprietária do Correio da Manhã, é comprada pela holding Cofina. Este diário passa assim a integrar um dos principais grupos portugueses de imprensa, que dispõe de vários títulos e meios de distribuição e explora o mercado publicitário.

A presença do Correio da Manhã na *World Wide Web* dá-se a 2 de julho de 2002, onde está disponível a edição impressa do jornal.

No seu Estatuto Editorial (Disponível em www.cmjornal.xl.pt) o Correio da manhã assume-se como o jornal que:

“Cultiva o jornalismo de investigação, para o necessário escrutínio da vida pública e como forma de controlo pelos cidadãos contra eventuais abusos de poder, autoridade ou posição dominante. O Correio da Manhã busca um olhar português sobre o pulsar contínuo do País e do Mundo. Escolhe o espaço global da língua portuguesa como principal foco do seu desígnio de informar.”

Para fazer o contraponto com a imprensa escrita tradicional e em papel, optou-se por comparar a análise desta com a feita a dois jornais *online* com mais expressão em Portugal. São eles o Portugal Diário e o Diário Digital. Pois, enquanto a comunicação de massas tradicional era especialmente realizada em um sentido, a das novas formas de comunicação é principalmente interativa (McQUAIL, 2003:29), recorrendo às hiperligações, fotogalerias e vídeogalerias. É esta interatividade que torna os jornais *online* mais atrativos, pois permitem que o leitor construa a sua própria pirâmide invertida, sem ser obrigado a ler uma linha de raciocínio “imposta”, como acontece na imprensa tradicional.

O Portugal Diário nasceu a 26 de março de 2008, e define-se como um jornal generalista que foi feito exclusivamente para estar presente nas plataformas *online*.

Este jornal que pertence ao grupo Media Capital, tem por base oferecer aos seus leitores uma informação geral independente, pluralista e multimédia (*site* <http://diario.iol.pt>), que é acessível via internet através dos endereços www.portugaldiario.iol.pt e www.diario.iol.pt.

O Portugal Diário afirma no seu estatuto editorial (disponível em <http://diario.iol.pt>) que rejeita o sensacionalismo, a informação escrita e apresentada de forma banal, em nome de conceitos difusos de objetividade, distanciamento, ou inimigos de uma informação verdadeiramente de qualidade. O atual diretor é a jornalista Luísa Melo.

O Diário Digital nasceu a 18 de julho do ano de 1999, e foi o primeiro jornal inteiramente realizado na internet. Onde todas as notícias têm atualização permanente.

No seu estatuto editorial (disponível em <http://diariodigital.sapo.pt>) o Diário Digital afirma-se como um órgão de informação de referência, generalista, pluralista, e que tem como objetivo fundamental assegurar a todos os leitores o direito à informação. E compromete-se a respeitar o sigilo das suas fontes de informação, não admitindo, em nenhuma circunstância, a quebra desse princípio.

O Diário Digital é propriedade da Caneta Eletrónica – Edições Multimédia, SA e tem como diretor desde 2006 o jornalista Pedro Curvelo.

III.3. RECOLHA DE DADOS

A técnica de recolha de dados é, segundo Moresi (2003), “o conjunto de processos e instrumentos elaborados para garantir o registo das informações, o controle e análise de dados” (2003:64), ou seja, esta técnica salienta a ambiguidade e inconsistência na distinção entre técnicas e instrumentos.

Para esta dissertação foi escolhida como principal técnica a análise com base documental, onde é utilizado o recurso a documentação escrita, notícias que saíram impressa periódica tradicional e na imprensa *online*. Esta investigação tem por objetivo estudar o que se produziu sobre o caso em estudo. Para isto, recorreu-se à análise de todo o ano de 2010, dando maior importância aos acontecimentos que ocorreram no dia 31 de maio (caso imprensa online) e no dia 1 de junho (caso da imprensa tradicional).

escrita). Bem, como a todas as notícias que saíram após o ataque à frota pró-palestiniana que tentou furar o bloqueio a Gaza no dia 31 de maio de 2010.

De toda a análise resultou um total de 730 jornais analisados e mais 730 dias de notícias analisadas nos média digitais. A nível de notícias encontradas sobre o ataque à frota pró-palestiniana, que é a temática central desta dissertação, foram encontradas um total de 90 peças escritas. Enquanto a nível *online* foram encontradas 159 notícias sobre o tema em estudo. Se se falar em termos percentuais, no caso da imprensa tradicional 26 por cento das notícias são relativas ao ataque à frota pró-palestiniana por parte do exército israelita (Tabela e Gráfico 1). No caso da imprensa *online*, 30 por cento das notícias abordam o caso em estudo (Tabela e Gráfico 2).

Do universo de órgãos de comunicação analisados e de interesse para esta dissertação, foram investigados dois jornais impressos (Público e Correio da Manhã) e dois jornais *online* (Diário Digital e Portugal Diário). No caso do Público e do Correio da Manhã foram analisadas um total de 253 notícias sobre o conflito em geral, que corresponde a um total de 74 por cento num total de 730 jornais analisados (Tabela e Gráfico 1). Enquanto no total da análise do Diário Digital e Portugal Diário foram encontradas uma percentagem de 70 por cento de notícias sobre o conflito israelo-palestiniano num universo de 730 dias analisados (Tabela e Gráfico 2).

Da recolha de dados efetuada, no que concerne ao jornal Público dos 730 jornais analisados em conjunto com o Correio da Manhã, foram encontradas 62 por cento das notícias relativas ao conflito no geral. Enquanto no Correio da Manhã essa percentagem é de 38 por cento (Tabela e Gráfico 3). No caso da imprensa *online*, no total dos 730 dias analisados, 73 por cento das notícias analisadas sobre o conflito em geral pertencem ao Diário Digital, enquanto 27 por cento estão presentes no Portugal Diário (Tabela e Gráfico 4).

No que concerne às notícias sobre o caso em estudo, foram analisadas um total 90 notícias nos dois jornais impressos investigados. No Público estão 71 por cento das notícias analisadas sobre o ataque à frota, enquanto no Correio da Manhã se encontram 29 por cento da informação relativa ao ataque à frota presente nesta dissertação (Tabela e Gráfico 5). No caso da imprensa *online*, num total de 159 notícias encontradas sobre o ataque à frota pró-palestiniana, 70 por cento estão localizadas no Diário Digital e 30 por cento encontram-se no Portugal Diário (Tabela e Gráfico 6).

Especificando mais a análise, na recolha de dados que se efetuou no Público, encontraram-se 158 notícias sobre o conflito israelo-palestiniano no geral, sendo 29 por

cento destas relativas ao caso em estudo nesta investigação (Tabela e Gráfico 7). No caso do Correio da Manhã, de um total de 95 notícias sobre o conflito em geral, 26 por cento destas são referentes ao ataque à frota de ajuda humanitária que tentou furar o bloqueio a Gaza (Tabela e Gráfico 8). No que concerne à imprensa *online*, mais precisamente, ao Diário Digital, das 276 notícias analisadas sobre o conflito em geral, 29 por cento destas abordavam o ataque à frota pró-palestiniana de ajuda humanitária (Tabela e Gráfico 9). No caso do Portugal Diário o número de notícias encontradas sobre o conflito israelo-palestiniano em geral foi de 101 notícias, sendo 32 por cento destas relativas ao caso em estudo nesta dissertação (Tabela e Gráfico 10).

Ao recolher os dados, sentiu-se a necessidade de agrupar estes por “temas” de investigação, de forma a ajudar na análise final dos resultados e consequente construção de tabelas e gráficos. Os “temas” em que os dados foram agrupados divergiram em alguns pontos entre a análise da imprensa tradicional e imprensa *online*, de forma a tentar salientar as diferenças mais evidentes entre os dois estilos de imprensa. No caso da imprensa tradicional optou-se por dividir a análise em nove tópicos, como se as notícias tinham imagens ou não, destaque na primeira página, localização (secção ou editoria onde as notícias estão inseridas), fontes utilizadas, palavras-chave, títulos, *leads*, dia da semana em que mais saíram notícias sobre o ataque e no geral e ainda o número de notícias que saíram por mês. Na imprensa *online* dividiu-se a análise pelos seguintes “temas”: número de notícias, dia da semana em que mais saíram notícias sobre o conflito em geral e sobre o caso em estudo em particular, a localização, as fontes usadas, as palavras mais referidas, os títulos, os *leads*, se as notícias tinham hiperligações, fotogalerias e vídeo galerias.

III.4. ANÁLISE DOS DADOS

Começando a análise pela imprensa tradicional, mais precisamente pelo jornal Público, pode-se constatar que das 158 notícias analisadas, 31 por cento destas saíram no mês de junho (Tabela e Gráfico 11). Este aspeto é justificado pelo facto de as notícias sobre o ataque à frota pró-palestiniana, caso em estudo nesta dissertação, ter ocorrido no último dia de maio (31 de maio). Mas, como na Imprensa Tradicional, contrariamente à Imprensa Online, os factos só são impressos no dia a seguir à sua ocorrência. No caso em estudo em específico, do total de 64 notícias analisadas e encontradas 75 por cento destas encontram-se no mês de junho (Tabela e Gráfico 12).

De todos os meios analisados (Público, Correio da Manhã, Diário Digital e Portugal), o Público é o único que apresenta uma notícia a referir a chegada da frota a Gaza e a ameaça feita pelo Governo israelita se esta tentasse quebrar o bloqueio. Com o título “Frota humanitária que se dirige para Gaza irrita Israel” (p.13, secção Mundo, uma coluna lado direito), saiu a 29 de maio de 2010 – dois dias antes de acontecer o ataque e que marcou mais um capítulo no longo conflito israelo-palestiniano.

No que concerne ao número de imagens que acompanham as notícias, verifica-se um aumento no mês de junho. Com um total 109 imagens encontradas nas notícias analisadas no seu geral, 29 por cento destas encontram-se no mês de junho. Mas, o mês de março também é bastante concorrido a nível de imagens sobre o conflito em geral, com um total de 25 por cento das fotografias analisadas (Tabela e Gráfico 13). Quando analisado o caso em estudo verifica-se que 76 por cento das 42 fotografias encontradas sobre o ataque, encontram-se no mês de junho (Tabela e Gráfico 14).

A nível dos dias da semana, o dia com maior fluxo noticioso tanto quando se analisa o conflito em geral tanto quando se aborda o caso em estudo em particular, a terça-feira é sempre o dia da semana com maior volume de notícias (Tabela e Gráfico 25 e 26). No geral, das 158 notícias analisadas, 20 por cento foram publicadas numa terça-feira (Tabela e Gráfico 25). Para este número também contribuiu o facto de as notícias sobre o caso analisado terem sido publicadas neste dia da semana, visto que o dia 31 de maio foi uma segunda-feira. O dia a seguir que tem mais importância a nível de volume noticioso é a quarta-feira, visto que corresponde ao rescaldo do acontecimento em estudo nesta dissertação. No que concerne ao caso em estudo, do ataque por parte do exército israelita à frota pró-palestiniana de ajuda humanitária no dia 31 de maio de 2010, das 64 notícias encontradas no jornal Público, 31 por cento saíram a uma terça-feira. Enquanto 19 por cento saíram a uma quarta-feira (Tabela e Gráfico 26). Este fenómeno é explicado pelos fatores anteriormente referidos.

A nível de destaques na primeira página dos acontecimentos relativos ao conflito israelo-palestiniano no geral, das 158 notícias analisadas no jornal Público, 7 por cento tiveram destaque na Primeira Página (Tabela e Gráfico 27). Mas, este número diminuiu quando se aborda o caso em estudo nesta dissertação e que servirá de base para as conclusões deste estudo. Das 64 notícias encontradas sobre o ataque à frota, 5 por cento destas teve destaque na primeira página (Tabela e Gráfico 28).

No jornal Público a informação que saiu sobre o conflito no geral e sobre o caso em estudo em particular dividiu-se por várias secções, como por exemplo, Mundo,

Destaque, Editorial, Sobe e Desce, P2, Comentário, Espaço Público e Consoante Muda. No total das 158 notícias analisadas ao longo do ano de 2010, a esmagadora maioria encontra-se na secção Mundo (87 por cento), facto explicado por o caso em estudo e o conflito em geral ser um facto de internacional, que acontece fora de Portugal (Tabela e Gráfico 19). No que concerne ao caso em estudo das 64 notícias analisadas sobre o ataque 75 por cento encontravam-se na secção Mundo, enquanto 9 por cento da informação teve destaque nas primeiras páginas do jornal (Tabela e Gráfico 20).

Apesar de uma boa parte das notícias não referirem o autor de quem as escreveu (44 por cento), das 158 notícias analisadas no geral do conflito 56 por cento refere quem é o autor (Tabela e Gráfico 17). Maria João Guimarães é o autor que mais notícias escreveram no jornal Público sobre o conflito em geral, mas também sobre o caso em estudo em particular (19 por cento em 158 factos analisadas sobre o conflito em geral e 20 por cento em 64 notícias analisadas sobre o temas central desta dissertação em particular). O jornalista que seguidamente escreve mais artigos sobre o conflito em geral e sobre o caso em estudo é Ana Fonseca Pereira, das 158 notícias em geral 11 por cento são da sua autoria. Enquanto no caso em estudo, dos 64 factos noticiosos analisados para esta dissertação sobre o ataque à frota pró-palestiniana de ajuda humanitária, 9 por cento são escritos por Ana Fonseca Pereira (Tabela e Gráfico 17 e 18). No entanto, ao longo da investigação realizada para esta dissertação verificou-se que a maioria das notícias que não tinham autor referia-se a *'fait-divers'*, como a notícias localizadas na última página na secção Sobe e Desce.

Na análise das imagens presentes nas notícias, entendeu-se que estas são importantes para completar o foco dado pela notícia. Pois como diz o ditado “uma imagem vale mais do que mil palavras”, estas transmitem informação muitas vezes impossível de transmitir via linguagem falada ou escrita, como acontece neste caso.

Das 109 imagens analisadas, 47 por cento não têm referência do autor (Tabela e Gráfico 31), mas referem-se sobretudo a imagens ½ coluna que têm associadas informações complementares à informação apresentada e vêm no meio do texto. Como por exemplo, a imagem que saiu no dia 5 de maio no decorrer do texto sobre o ataque na página 15, secção Mundo, que tem ½ coluna e tem a legenda "Zaobi acusou o Exército de ter planeado causar "muitas baixas" ainda antes da abordagem ao navio turco". A imagem é um retrato de Hanin Zoabi, deputada israelo-palestiniana do Parlamento Israelita, que se encontrava a bordo do Mavi Marmara que fazia parte da frota de ajuda pró-palestiniana que tentou furar o bloqueio a Gaza no dia 31 de maio de

2010 e foi atacada pelo exército israelita. No caso do ataque à frota, e que é o tema em estudo nesta dissertação, das 42 imagens analisadas, 48 por cento não têm referência ao autor. Mas, no âmbito das notícias com autor, a REUTERS surge como o meio que fornece mais fotografias para ilustrar as notícias do jornal Público. Quando abordado o conflito em geral, das 109 imagens analisadas 27 por cento pertencem à REUTERS, enquanto 22 por cento à agência AFP (Tabela e Gráfico 31). No que concerne às imagens relativas ao caso em estudo nesta dissertação, do total das 42 fotos analisadas 29 por cento são da autoria da REUTERS, enquanto as imagens da AFP ficam empatadas com 12 por cento com as fotos com a denominação DR (Direitos Reservados) (Tabela e Gráfico 32).

A nível do destaque dado às notícias e às imagens, podemos verificar estas através do número de colunas que estes elementos ocupam numa página de jornal. No caso do número de colunas ocupadas pelas notícias analisadas sobre o conflito israelo-palestiniano no geral, nos 158 factos noticiosos analisados 23 por cento ocupam 4 colunas, enquanto 22 por cento ocupam 1 coluna (Tabela e Gráfico 21). Das 158 notícias apenas uma consegue ocupar 15 colunas e está localizada no segundo caderno do Público (P2), que saiu dia de 3 de julho de 2010 e que ocupa as páginas 5, 6 e 7 do P2, como o título "O establishment judaico da América não está a salvar a democracia de Israel". No que diz respeito ao caso em estudo nesta investigação, verifica-se que das 64 notícias analisadas, 27 por cento ocupam 3 colunas, enquanto 25 por cento têm 4 colunas, com 16 por cento cada aparecem as notícias que ocupam 5 colunas e 1 coluna (Tabela e Gráfico 22).

No que concerne à análise das imagens e ao espaço que estas ocupam em conjunto com as notícias, das 109 fotografias analisadas encontradas nos 365 jornais do Público analisados 22 por cento ocupavam apenas 1 colunas, enquanto 21 por cento ocupavam ½ colunas e 18 por cento das imagens tinham 2 colunas (Tabela e Gráfico 23). Nas notícias sobre o caso em estudo nesta dissertação foram encontradas 42 imagens em que 33 por cento ocupavam 1 colunas apenas, enquanto 17 por cento ½ colunas e empatadas com 14 por cento estavam as fotografias que ocupavam 3 e 5 colunas (Tabela e Gráfico 24)

A nível de palavras-chave, a análise focou-se nas palavras que mais vezes eram focadas nas notícias e que estavam diretamente relacionadas com o conflito israelo-palestiniano em geral ou com o caso em estudo nesta dissertação em particular. Para melhor agrupar a informação, esta secção de análise foi agrupado em conjunto de

palavras que estivessem correlacionadas entre si. Como por exemplo, Forças Armadas Israelitas, Países envolvidos no caso em estudo (Israel, Palestina, Turquia, entre outras palavras relacionadas com os governos destes três países), Países secundários (todos os países que não estão diretamente envolvidos e seus respectivos governos), Organizações Internacionais (como por exemplo, ONU, OMS, etc.), Palavras relacionadas com violência (como ataque, armas de fogo, etc.), Vítimas (todas as palavras relacionadas com mortos e feridos), Investigação (todas as palavras que refiram a investigação que foi feita após o ataque à frota para provar de quem era a culpa), Grupos Terroristas (como Fatah, Hamas, Brigadas de Al-Aqsa, etc.), Palavras relacionadas com Paz e Liberdade, Crimes (palavras como contrabando, homicídio, etc.), Ajuda humanitária, Política (como nomes de partidos, por exemplo), Ativismo (palavras como ativistas, ONG's, etc.), Relacionadas com embarcações (palavras como Flotilha, Frota, embarcações, entre outras), Media/Controlo de Informação (palavras que refiram alguma forma de controlo da informação, como censura, por exemplo), Referências Holocausto e ações militares (como campos de concentração e bombardeamentos), Referências à ocupação (palavras como bloqueio e colonatos), e por último Outras (palavras que não se encaixavam em nenhuma das anteriores categorias, como por exemplo, relacionadas com justiça).

No que concerne ao conflito no geral e às palavras-chave encontradas em 158 notícias analisadas foram retiradas 1779 palavras das quais 20 por cento fazem referência aos Países Envolvidos, enquanto 18 por cento eram referentes a palavras que se encontram dentro da categoria Outras (Tabela e Gráfico 15). Quando se passa para a análise das notícias sobre o caso em estudo nesta dissertação, das 64 notícias analisadas foram retiradas 864 palavras das quais 18 por cento enquadram-se dentro da categoria Outras, enquanto 16 por cento são referentes aos Países Envolvidos (Tabela e Gráfico 16).

Outro dos elementos de análise fundamentais para esta investigação foi o estudo das fontes presentes nas notícias analisadas. Para isto foi necessário, devido ao grande número de fontes encontradas, dividi-las em categorias. As fontes foram divididas em Órgãos de Comunicação Social, Organismos Internacionais (fontes associadas a organismos internacionais como a ONU, por exemplo), Organismos Governamentais (como fontes ligadas a partidos), Força militar/Policial (fontes ligadas ao exército e à polícia), EU (fontes ligadas à União Europeia), Governo envolvido (fontes ligadas aos governos envolvidos no ataque à frota de ajuda humanitária, como por exemplo, os

Primeiros-Ministros de Israel, Turquia e Palestina), Governo estrangeiro (fontes ligadas a países que não estão relacionadas com o caso, mas que deram opinião sobre), Especialistas (como estudiosos das questões associadas ao conflito israelo-palestiniano ou a questões políticas), Fontes anónimas (todas aquelas fontes que são referidas, mas não são identificadas), Populares (pessoas comuns), ONG's (todas as fontes ligadas a ações de ajuda humanitária, entre outras), Grupos Terroristas (todas as fontes ligadas a movimentos terroristas), Comunicados e afins (fontes relacionadas com comunicados, relatórios, documentos, etc.), Fontes Hospitalares, e por fim Testemunhas (quando a fonte vem identificada como tal).

No que concerne à análise das notícias feitas do conflito israelo-palestiniano no seu geral, dentro da gama de acontecimentos que ocorreram no ano de 2010, dos 158 artigos noticiosos estudados foram encontradas 645 fontes, das quais 36 por cento diziam respeito a fontes ligadas aos Órgãos de Comunicação Social. Ou seja, o Público baseou-se em factos relatados por outros jornais, agências e televisões, mas também por outros jornalistas que estavam no local e trabalham para jornais locais (como o jornal Haaretz). Ainda dentro das notícias analisadas do conflito em geral, 23 por cento das fontes estão ligadas aos Governos envolvidos e 11 por cento das fontes de informação são de Governos estrangeiros (Tabela e Gráfico 33). No caso das fontes de informação usadas nas notícias sobre o caso em estudo e tema central desta dissertação, dos 64 artigos analisados no Público durante todo o ano de 2010, foram encontradas 258 fontes das quais 31 por cento pertencem a Órgão de Comunicação Social e 24 por cento a fontes ligadas aos Governos envolvidos no ataque (Israel, Turquia e Palestina) (Tabela e Gráfico 34).

Dentro da imprensa tradicional ainda foi analisado o jornal Correio da Manhã, que a nível de análise seguiu a mesma linha orientadora do jornal Público anteriormente referido. No que concerne ao número de notícias que saíram por cada mês do ano de 2010, ano em análise nesta dissertação, o pico noticioso registou-se em junho devido à ocorrência do ataque à frota pró-palestiniana de ajuda humanitária e que é o caso em estudo na presente investigação. Na análise do conflito em geral, das 95 notícias analisadas no Correio da Manhã durante o ano de 2010, 26 por cento encontram-se no mês de junho (Tabela e Gráfico 35). Quando se passa para a análise do caso em estudo nesta dissertação, das 26 notícias analisadas 88 por cento localizam-se no mês de junho, 8 por cento no mês de julho e 4 por cento no mês de agosto (Tabela e Gráfico 36).

A nível de imagens, o Correio da Manhã não dá muito destaque a estas em comparação com o jornal Público. Contrariamente ao que seria de esperar, o *boom* de fotos no Correio da Manhã não se dá em junho (quando saiu a maioria de conteúdos noticiosos relativos ao caso em estudo), mas sim em março. De um total de 34 fotografias relacionadas com o conflito israelo-palestiniano em geral, 35 por cento destas saíram no mês de março e só 24 por cento no mês de junho (Tabela e Gráfico 37). Quando se passa para a análise do caso em estudo nesta investigação, das 9 fotos que saíram relacionadas com o ataque 89 por cento destas saíram no mês de junho e 11 por cento no mês de julho (Tabela e Gráfico 38).

Afunilando a pesquisa, no que diz respeito aos dias da semana com maior incidência de artigos noticiosos sobre o conflito em geral e sobre o caso em estudo em particular, no primeiro caso o Domingo é o dia com maior incidência e a Terça-feira é o dia em que saem mais notícias sobre o ataque à frota. Portanto, no conflito em geral das 95 notícias analisadas 20 por cento saíram ao Domingo e 19 por cento à Terça-feira (Tabela e Gráfico 53). No que concerne ao caso em estudo, das 26 notícias que saíram sobre o ataque 27 por cento saíram a uma Terça-feira e 19 por cento saíram à Quinta-feira (Tabela e Gráfico 54). Neste último caso, a maior incidência de notícias à Terça-feira explica-se pelo facto de o ataque à frota de ajuda humanitária que tentou quebrar o bloqueio a Gaza imposto por Israel ter-se dado no dia 31 de maio, que foi uma segunda-feira, mas no jornalismo impresso só é noticiado no dia seguinte (Terça-feira).

A nível dos destaques dados na primeira página foram registados 2 casos, que pertencem ao caso em estudo nesta dissertação. Ou seja, nas 26 notícias encontradas sobre o caso em estudo em todo o ano de 2010 no Correio da Manhã 8 por cento tiveram destaque na primeira página (Tabela e Gráfico 56). Enquanto no global e sobre o conflito israelo-palestiniano no seu geral, no total da análise realizada para esta dissertação das 95 notícias só 2 por cento tiveram referência na primeira página do Correio da Manhã (Tabela e Gráfico 55).

A nível de Secções onde são aglomerados os factos noticiosos que saíram no Correio da Manhã no ano de 2010 sobre o conflito no geral e sobre o ataque em particular, divergem das utilizadas pelo jornal Público. As Secções onde foram encontradas notícias no Correio da Manhã foram em Mundo, Sumário, Mundo (Visão do General), Mundo (Radar com João Vaz), Política (O Cronista Indelicado), Última Hora, A fechar (Últimas) e por último A fechar (A voz da Razão). No Correio da Manhã tal e qual como no Público a secção Mundo é a que ocupa maior percentagem de

notícias, como 69 por cento quando analisadas as notícias que saíram sobre o conflito em geral e 54 por cento na análise do caso em estudo nesta dissertação (Tabela e Gráfico 47 e 48).

No concerne à autoria das peças jornalística também se verifica que a maioria não tem autor, pois são *'fait-divers'* ou então frases ditas por figuras políticas. Das 95 notícias que saíram sobre o caso em geral só 33 por cento têm autor identificado, enquanto 67 por cento não é atribuída autoria (Tabela e Gráfico 41). No caso em estudo em específico das 26 notícias analisadas 46 por cento têm o autor identificado, enquanto 54 por cento não têm autoria associada (Tabela e Gráfico 42). Em ambos os casos a nível de notícias onde o autor é identificado o que tem maior percentagem de textos assinados é F.J. Gonçalves, com 7 por cento na análise geral e 19 por cento na análise do caso em estudo nesta dissertação.

No caso da autoria das imagens, na análise do conflito em geral no total de 34 fotografias que saíram associadas às notícias 47 por cento não tinham autor identificado, como por exemplo, imagens que ilustravam *'fait-divers'* e citações de políticos. "A nossa mensagem é clara: vamos ficar [Cisjordânia], vamos construir, este local será parte inseparável do Estado de Israel", Benjamin Netanyahu, Primeiro-Ministro israelita, in Correio da Manhã dia 25 de janeiro de 2010. Neste caso surgia uma pequena imagem de Benjamin Netanyahu associada à frase que proferiu. Ainda na análise do conflito no geral das 34 imagens 35 por cento eram da autoria da EPA e 18 por cento foram tiradas por fotógrafos da REUTERS (Tabela e Gráfico 45). No caso em estudo das 9 fotografias que saíram associadas às 26 notícias sobre o ataque à frota de ajuda humanitária, 67 por cento foram tiradas por fotógrafos da EPA, 22 por cento pela REUTERS e 11 por cento não tinham o autor identificado (Tabela e Gráfico 46). As fotografias saíam sempre com legenda associada, como por exemplo, a fotografia de Uriel Sinai, fotógrafo da EPA, que vinha legendada da seguinte forma "O raide aconteceu de madrugada e com uma dureza considerada "excessiva". À direita, uma das vítimas" (in Correio da Manhã dia 1 de junho de 2010).

Ao nível do número de colunas ocupadas pelos factos noticiosos no Correio da Manhã das 95 notícias analisadas sobre o caso em geral 81 por cento ocupavam 1 colunas, enquanto 12 por cento 4 colunas (Tabela e Gráfico 51). No caso em estudo na presente investigação das 26 notícias encontradas sobre o ataque 65 por cento ocupavam 1 coluna, as notícias com 4 colunas representam 23 por cento da análise (Tabela e Gráfico 52).

No concerne às fotografias e ao espaço que ocupam no jornal, as imagens com 2 colunas ocupam 44 por cento num total de 34 fotos encontradas sobre o conflito em geral. As fotografias com 1 coluna ocupam 29 por cento do total de imagens encontradas e as fotos com 3 colunas ocupam 18 por cento da análise (Tabela e Gráfico 49). No estudo de caso escolhido para a presente investigação das 9 fotografias analisadas e encontradas 44 por cento têm 3 colunas, enquanto 33 por cento ocupam 2 colunas e 22 por cento têm 4 colunas (Tabela e Gráfico 50).

As palavras-chave usadas para enquadrar as notícias escolhidas pelos jornalistas são importantes para se verificar o posicionamento do jornal relativamente ao caso em estudo. As palavras-chave no Correio da Manhã, tal e qual como no Público, tiveram de ser agrupadas em categorias devido ao volume e para facilitar também a análise das mesmas. Num total das 670 palavras que mais vezes apareceram no Correio da Manhã 23 por cento estão relacionadas com os Países Envolvidos, enquanto 14 por cento estão localizadas na categoria Outras (Tabela e Gráfico 39). No caso sobre o ataque à frota pró-palestiniana de ajuda humanitária que tentou quebrar o bloqueio a Gaza e que é a temática principal desta dissertação, num total de 320 palavras-chave retiradas das 26 notícias encontradas sobre o caso 16 por cento estão na categoria Países Envolvidos e outros 16 por cento na categoria Outras, enquanto 12 por cento das 320 palavras-chave enquadram-se na categoria de palavras Relacionadas com Embarcações (Tabela e Gráfico 40).

No que concerne às fontes utilizadas nas notícias foi utilizada a mesma estratégia que para o jornal Público, no Correio da Manhã as fontes de informação foram divididas da mesma forma. Das 141 fontes encontradas nas 95 notícias analisadas no conflito em geral 48 por cento, ou seja, a esmagadora maioria pertencem a Órgãos de Comunicação Social, enquanto 21 por cento das 141 fontes estão ligadas aos Governos envolvidos no conflito israelo-palestiniano ou então no ataque à frota (Tabela e Gráfico 57). No caso em estudo na presente investigação das 26 notícias analisadas e encontradas foram retiradas 55 fontes, das quais 44 por cento são de Órgãos de Comunicação Social e 18 por cento são fontes dos Países Envolvidos no caso em estudo (Tabela e Gráfico 58).

Passando à análise da imprensa *online*, para a presente investigação foram escolhidos dois diários online – Diário Digital e Portugal Diário. Começando a análise dos dados da imprensa *online* pelo Diário Digital onde foram encontradas no ano de 2010 sobre o conflito israelo-palestiniano e sobre o ataque à frota de ajuda humanitária

– tema central nesta dissertação, foram encontradas um total de 276 notícias. Das 276 notícias 30 por cento foram publicadas no mês de junho, visto que o caso em estudo se dá no último dia de maio e o seu rescaldo dá-se no mês seguinte, enquanto 11 por cento foram publicadas em maio e outros 11 por cento no mês de julho (Tabela e Gráfico 63). Quando se analisa o caso em estudo nesta investigação, no Diário Digital foram localizadas 111 notícias no *site* do jornal. Destas 51 por cento foram publicadas no mês de junho, 23 por cento no mês de maio e 12 por cento no mês de julho (Tabela e Gráfico 64).

No que concerne aos dias da semana com maior fluxo noticioso a segunda-feira ganha devido ao facto de ser o dia em que se dá o ataque à frota pró-palestiniana de ajuda humanitária. Quando analisado o conflito no geral, das 276 notícias publicadas online 24 por cento saíram a uma segunda-feira. Enquanto 18 por cento foram publicadas a uma terça-feira e 14 por cento à quarta-feira (Tabela e Gráfico 61). Passando à análise do caso em estudo, das 111 notícias publicadas no Diário Digital 32 por cento saíram a uma segunda-feira, 25 por cento a uma terça-feira e 16 por cento a uma quarta-feira (Tabela e Gráfico 62).

Os destaques não são perceptíveis a nível *online* comparativamente à imprensa tradicional. No momento em que as notícias são publicadas a nível *online* têm um destaque, dependendo da sua importância na agenda do dia. Mas, quando é feita uma análise dos acontecimentos *a posteriori*, como a que foi feita nesta dissertação, esses destaques não são perceptíveis. Estes poderão ser vislumbrados através da noticiabilidade ou do número de notícias que saem sobre um acontecimento em específico.

No que concerne às secções usadas para agrupar e ordenar a informação na própria publicação *online*, o Diário Digital agrupa a informação analisada em duas secções específicas, que são: secção Mundo e Política. No universo de 276 notícias analisadas sobre o conflito em geral, onde estão incluídas as notícias sobre o caso em estudo nesta dissertação, 97 por cento encontram-se na secção Mundo e 3 por cento na secção Política (Tabela e Gráfico 59). Quando analisado o ataque à frota de ajuda humanitária que tentou quebrar o bloqueio a Gaza, das 111 notícias estudadas 94 por cento estão inseridas na secção Mundo e 6 por cento na secção Política (Tabela e Gráfico 61).

Todas as notícias analisadas no Diário Digital não continham autoria específica, sendo todas elas assinaladas como “*Diário Digital/Lusa*” no lugar do autor. Esta prática

pode ser verificada em todas as notícias publicadas por este diário online, não sendo um caso específico da análise presente nesta dissertação.

O Diário Digital, apesar de ser uma publicação online de conteúdos noticiosos, não aposta em fotogalerias, vídeo galerias e hiperligações. Ou seja, não usa as potencialidades que os meios online permitem usar contrariamente aos meios tradicionais de publicação de notícias.

O número de colunas também não é verificável, pois o texto é feito de forma ‘corrida’ sem quebras.

A nível de palavras-chave nas 276 notícias publicadas sobre o conflito em geral no ano 2010 no Diário Digital foram encontradas 2388 palavras, que foram divididas pelas mesmas categorias que no Correio da Manhã e do Público. Do total de 2388 palavras-chave analisadas 26 por cento são referentes aos países envolvidos no conflito israelo-árabe e no ataque à frota pró-palestiniana (Israel, Palestina e Turquia), 9 por cento estão inseridas na categoria Outras e 7 por cento na categoria Países Secundários (Tabela e Gráfico 65). No que concerne ao caso em estudo em específico, das 111 notícias analisadas foram retiradas 1166 palavras-chave que ajudarão a definir o tipo de destaque e enquadramento dado às notícias do Diário Digital. Das 1166 palavras-chave 20 por cento estão inseridas na categoria Países Envolvidos, 11 por cento das palavras estão relacionadas com embarcações, 11 por cento encontram-se na categoria Outras e 9 por cento na categoria Vítimas (Tabela e Gráfico 66).

No que diz respeito às fontes de informação analisadas, de um total de 276 notícias analisadas sobre o conflito em geral no ano de 2010 foram usadas 489 fontes. As fontes no Diário Digital foram divididas pelas mesmas categorias que na imprensa tradicional. Das 489 fontes encontradas na análise das notícias sobre o conflito em geral 20 por cento dos artigos noticiosos são baseados em Órgão de Comunicação Social, 18 por cento usaram fontes ligadas aos Governos Envolvidos e 11 por cento das fontes estão ligadas aos Governos Estrangeiros (Tabela e Gráfico 67). No que concerne ao caso em estudo das 111 notícias analisadas foram encontradas 198 fontes de informação, sendo 24 por cento dos artigos noticiosos baseados em fontes ligadas a Órgãos de Comunicação Social, 22 por cento a fontes ligadas aos Governos Envolvidos e 12 por cento a fontes de Governos Secundários (Tabela e Gráfico 68).

Outra das publicações *online* analisadas para fazer o contraponto com a análise da imprensa tradicional foi o Portugal Diário. Neste órgão de comunicação social em todo o ano de 2010 foram analisadas 101 notícias sobre o conflito em geral (análise que

inclui as notícias sobre o caso em estudo). Destas 43 por cento saíram no mês de junho e 16 por cento foram publicadas no mês de maio (Tabela e Gráfico 73). No caso em estudo, foram analisadas 48 notícias das quais 67 por cento foram publicadas no mês de junho e 21 por cento no mês de maio (Tabela e Gráfico 74).

A nível dos dias da semana, no Portugal Diário acontece o mesmo que no Diário Digital, a segunda-feira é o dia que reúne mais informação sobre o conflito em geral, muito influenciado pelo ataque à frota pró-palestiniana se ter dado a uma segunda-feira (31 de maio de 2010). Das 101 notícias analisadas no geral 21 por cento foram publicadas à segunda-feira, 17 por cento à terça-feira e 16 por cento ao Domingo (Tabela e Gráfico 71). No caso em estudo nesta dissertação das 48 notícias analisadas 29 por cento saíram à segunda-feira, 27 por cento à terça-feira e 19 por cento à quarta-feira (Tabela e Gráfico 72).

Como no Diário Digital, o Portugal Diário também não possui destaques visíveis. Mas, contrariamente ao Diário Digital, o Portugal Diário enriqueceu os textos noticiosos com hiperligações, fotogalerias e vídeo galerias. Através destes aspetos e visto que só se encontram em alguns textos se poderá concluir o destaque dado a determinadas notícias. Das 101 notícias analisadas no geral 37 por cento continham ou hiperligações, fotogaleria ou vídeo galeria. Destes 37 por cento, que correspondem a 37 notícias no geral, 70 por cento têm hiperligações, 19 por cento galeria de fotos e 11 por cento tem vídeos associados (Tabela e Gráfico 75). Quando analisadas as notícias sobre o caso em estudo dos 48 textos jornalísticos investigados 73 por cento continham hiperligações, fotogalerias ou vídeo galeria. Estes 73 por cento representam 35 notícias das quais 71 por cento contêm hiperligações, 17 por cento tem galeria de fotos associadas e 11 por cento tem vídeo galeria como complemento da informação (Tabela e Gráfico 76).

A nível de secções utilizadas pelo Portugal Diário foram identificadas 7 editorias diferentes, que são as secções de Internacional, Sociedade, Geral, Opinião, Política, Tecnologia e Internacional Resto do Mundo. Das 101 notícias analisadas no geral 76 por cento encontravam-se na secção Internacional e 12 por cento na secção Geral (Tabela e Gráfico 69). Nas 48 notícias analisadas no caso em estudo e tema central desta dissertação 73 por cento encontravam-se na secção Internacional e 13 por cento na secção Política (Tabela e Gráfico 70).

Tal como no Diário Digital, o Portugal Diário também não identifica os autores das notícias. Mas neste caso também não tem a denominação do jornal, nem da agência

de informação de onde as notícias foram retiradas, como no caso do Diário Digital. O mesmo acontece no caso da autoria das fotografias e dos vídeos publicados, em que não existe referência.

Como no Diário Digital o número de colunas também não é perceptível no Portugal Diário, pois o texto é ‘corrido’ só sofrendo quebras com as hiperligações.

No que concerne às palavras-chave identificadas nos textos noticiosos do Portugal Diário das 101 notícias foram retiradas 1041 palavras relacionadas com o conflito em geral e sobre o caso em estudo nesta dissertação. Destas 1041 palavras 18 por cento estão relacionadas com os países envolvidos no conflito israelo-palestiniano ou no caso do ataque à frota de ajuda humanitária, e 15 por cento estão relacionadas com Violência (Tabela e Gráfico 77). No caso em estudo em específico, das 48 notícias foram retiradas 633 palavras-chave em que 18 por cento destas são referentes aos países envolvidos e 14 por cento das palavras estão relacionadas com violência (Tabela e Gráfico 78).

Em relação às fontes usadas também foram usadas as mesmas categorias que nos outros órgãos de comunicação analisados. Das 101 notícias analisadas no geral foram identificadas 218 fontes, das quais 40 por cento são de órgãos de comunicação social e 9 por cento são referentes a governos envolvidos no conflito israelo-palestiniano ou no caso em estudo nesta dissertação (Tabela e Gráfico 79). Quando se passa para análise das 48 notícias encontradas no ano de 2010, referentes ao ataque à frota de ajuda humanitária no dia 31 de maio, foram identificadas 103 fontes. Do total de fontes de informação identificadas 24 por cento pertencem a órgãos de comunicação social e 22 por cento são fontes dos governos envolvidos no caso em estudo nesta investigação (Tabela e Gráfico 80).

Desta breve análise dos dados, especificando cada um dos meios de comunicação social analisados, no próximo capítulo se irá proceder à descrição dos resultados cruzando a informação entre Público e o Correio da Manhã; Diário Digital e o Portugal Diário e imprensa tradicional e a imprensa *online*.

CAPÍTULO IV: RESULTADO E DISCUSSÃO

Para Marwan Bishara:

“Os média desempenharam um papel central no incitamento ao ódio contra os árabes e contra os seus representantes, qualificando-os de «irresponsáveis», «radicais» e «perigosos», e difundindo constantemente reportagens sensacionalistas sobre as ações dos palestinianos em Israel” (2002:55).

No caso em estudo nesta dissertação e como se poderá ver através das conclusões desta investigação mais à frente, os média desempenharam um papel diferente neste episódio do longo conflito israelo-palestiniano. Como já foi citado atrás nesta dissertação, a “segunda guerra de Gaza: Israel perdeu-a no mar (...) O cerco (de Gaza) tornou-se no Vietname de Israel”, esta frase foi proferida por um analista do jornal israelita Haaretz, Brandley Burtson (Comentário Público página 3, secção Destaque, dia 1 de junho), depois de se ter dado o ataque à frota pró-palestiniana de ajuda humanitária que tentou quebrar o cerco a Gaza.

Mas, antes de se passar à análise propriamente dita do ataque de dia 31 de maio de 2010, vai-se analisar os meios de comunicação utilizados para este estudo cruzando a informação entre eles. Público e Correio da Manhã, Diário Digital e Portugal Diário, e por fim imprensa tradicional e imprensa *online*. Isto serve para evidenciar as principais diferenças entre os meios de comunicação social da mesma categoria em si e entre os dois estilos em particular.

No que concerne às diferenças entre o Público vs. Correio da Manhã privilegiou-se a análise comparativa do Número de Notícias por Mês, Número de Imagens por Mês, os Dias da Semana, Destaque de Primeira Página, Localização, Palavras-chave e Fontes de Informação. A diferença que mais salta à vista é no volume de textos noticiosos sobre o conflito em geral e sobre o caso em estudo em particular encontradas nos dois jornais diários. O Público tem mais 63 notícias do que o Correio da Manhã a nível geral. No caso em estudo o Público tem mais 38 textos noticiosos do que o Correio da Manhã.

No que concerne aos meses em que são registadas mais notícias nestes dois jornais impressos, o mês de junho é o que reúne maior percentagem de notícias. No jornal Público representa 31 por cento da informação recolhida e no Correio da Manhã corresponde a 26 por cento da informação analisada (Tabela e Gráfico 85). Ou seja, uma diferença de 5 por cento na informação recolhida durante o mês com maior fluxo

noticioso. Quando se passa para análise da informação recolhida no caso em estudo nesta dissertação o cenário é diferente. O mês de junho, é o mês em que existe mais informação sobre o caso em estudo, visto que o ataque se dá no último dia de maio de 2010 e o fluxo noticioso só se dá no dia seguinte na imprensa tradicional. A nível percentual o Correio da Manhã consegue ter um fluxo noticioso superior ao Público no mês de junho, apesar de isto não corresponder à realidade. No Correio da Manhã, 88 por cento (23) das notícias recolhidas estão localizadas no mês de junho, enquanto no Público pode-se encontrar 75 por cento (48) das notícias nesse mês (Tabela e Gráfico 86). Este facto é explicado pelo facto de no Público a informação existente sobre o ataque à frota pró-palestiniana estar mais espartilhada no tempo. Ou seja, enquanto no Correio da Manhã foram encontradas notícias sobre o estudo de caso nos meses de junho (23 - 88%), julho (2 - 8%) e agosto (1 - 4%), no jornal Público estas foram encontradas em mais três meses do que no Correio da Manhã. Isto é, foram encontrados artigos noticiosos nos meses de maio (1 - 1%), junho (48 - 75%), julho (9 - 14%), agosto (4 - 6%), setembro (1 - 2%) e dezembro (1 - 2%). O jornal Público é aliás o único meio de comunicação social analisado que traz referência à frota de ajuda humanitária e as ameaças feitas pelo governo israelita antes de dia 31 de maio de 2010. No dia 29 de maio de 2010, na página 13, na secção Mundo do jornal Público vem a notícia com o seguinte título: "Frota humanitária que se dirige para Gaza irrita Israel". Neste título já se pode vislumbrar o que veio a acontecer no dia 31 de maio, em que o jornal Público faz capa com o seguinte título e *'lead'*: "Israel sob pressão após ataque a barco turco"- "Uso desproporcionado da força militar condenado em todo o mundo. Turquia acusa Telavive de terrorismo de Estado. Pág. 2 a 4 e Editorial" (dia 1 de junho de 2010, foto número 1 em anexo). Este destaque ocupa a metade superior da capa do Público com uma foto da bandeira turca e com um homem a sair de baixo dela com uma expressão de raiva, da autoria de Francois Lenoir da REUTERS. Enquanto no Correio da Manhã o destaque dado na primeira página ao ataque no dia 1 de junho de 2010 é muito inferior ao do jornal Público, ocupando apenas o canto superior direito da capa. Este destaque tem uma pequena foto de militares armados sem autor e com o seguinte destaque e *'lead'*: "Palestinianos massacrados" - "Israel mata em barcos de ajuda".

Nos destaques na primeira página o Público de 158 notícias analisadas no geral 11 têm destaque na capa (7%), enquanto no Correio da Manhã de 95 notícias 2 têm destaque na página principal do jornal (2%) (Tabela e Gráfico 91). Quando se passa para análise do estudo o Correio da Manhã de um total de 26 notícias que saíram sobre

o ataque 2 têm destaque na primeira página (8%). Enquanto no Público das 64 notícias analisadas 3 têm destaque na primeira página (5%) (Tabela e Gráfico 92).

No que concerne ao número de imagens que saiu com as notícias em cada mês, comparando o Público e o Correio da Manhã a diferença do número de fotografias difundidas é evidente. Enquanto no Público foram publicadas sobre o conflito em geral 109 fotografias, no Correio da Manhã este número desce para as 34 imagens na análise feita no ano de 2010. A nível percentual o Público publicou 29 por cento das imagens nas notícias do mês de junho, justificado pelo facto de ser o mês em que há um *boom* no fluxo noticioso devido ao ataque à frota de ajuda humanitária que tentou quebrar o bloqueio a Gaza. Outro dos meses que reúne grande percentagem das fotografias que saíram no jornal Público é março com 23 por cento, enquanto julho reúne 11 por cento das imagens publicadas no jornal (Tabela e Gráfico 83). No caso do Correio da Manhã o mês de fevereiro é o que reúne maior percentagem de fotografias no jornal, contem um total de 35 por cento das imagens. O mês de junho reúne 24 por cento das imagens e setembro 15 por cento (Tabela e Gráfico 83). No entanto, pode-se verificar que o jornal Público tem imagens em meses que o Correio da Manhã não tem, como por exemplo janeiro (1 – 1%); outubro (4 – 4%) e novembro (2 – 2%) (Tabela e Gráfico 83). Quando se passa para a análise isolada dos factos noticiosos que saíram sobre o estudo de caso da presente investigação, verifica-se que existe também uma grande diferença relativamente ao volume de fotografias publicadas. No Público saíram um total de 49 imagens sobre o ataque, enquanto no Correio da Manhã saíram 9 fotografias sobre o caso em estudo. No Público temos 5 meses em que saem notícias sobre o ataque à frota e trazem fotografias relacionadas associadas. O mês de junho reúne 76 por cento das imagens, o mês de julho 14 por cento, o mês de agosto 5 por cento, o mês de setembro 3 por cento e o mês de dezembro 2 por cento das imagens (Tabela e Gráfico 84). No caso do Correio da Manhã só dois meses contêm imagens relacionadas com o ataque à frota propalestiniana que tentou quebrar o bloqueio a Gaza para entregar ajuda humanitária. O mês de junho reúne 89 por cento das fotografias que saíram sobre o ataque, enquanto o mês de julho reúne 11 por cento das imagens (Tabela e Gráfico 84). O Público é entre os quatro meios de comunicação analisados que prolonga mais a cobertura do ataque à frota e respetivo rescaldo. Este jornal é o único entre os quatro analisados (Público, Correio da Manhã, Diário Digital e Portugal Diário) que publica uma notícia no mês de dezembro. Apesar de o título não referir o ataque, a notícia refere o ataque à frota, o número de mortos e as consequências a que levou. A notícia saiu no dia 2 de dezembro

de 2010, na página 16, secção Mundo e contem imagem. O texto noticioso vem com o seguinte título e subtítulo: "Faixa de Gaza: "Poucas melhorias" desde que Israel anunciou que ia aliviar restrições" - "Bloqueio ainda trava economia de Gaza" e com o *'lead'*: "Estado hebraico impede entrada de matérias-primas, mas autoriza produtos israelitas. "Impedem-nos de exportar e impõem os seus produtos", dizem os empresários palestinianos". A imagem, da autoria de Ibraheem Abu Mustafa da REUTERS, que saiu com a notícia tem como legenda: "A quantidade de morangos e flores a sair de Gaza está a crescer". Esta notícia reflete o fim provisório do bloqueio imposto a Gaza por parte de Israel, após o exército israelita ter atacado uma frota de ajuda humanitária (31 de maio) 7 meses antes da notícia de dia 2 de dezembro, que levou a uma onda de protestos e de indignação a nível internacional.

Quando se passa para análise dos dias da semana com maior influência noticiosa em 2010 sobre o conflito israelo-palestiniano em geral, no caso do Público é a terça-feira que reúne maior percentagem de notícias e no Correio da Manhã é o Domingo. O Público publicou 20 por cento das notícias sobre o conflito israelo-palestiniano no ano de 2010 a uma terça-feira, enquanto 16 por cento encontram-se às quartas-feiras (Tabela e Gráfico 89). No Correio da Manhã e ao contrário do que acontece no Público, o dia que reúne mais notícias é o Domingo com 20 por cento dos textos publicados sobre o conflito no ano de 2010, enquanto a terça-feira reúne 19 por cento das notícias publicadas no Correio da Manhã sobre um dos mais longos conflitos da história moderna (Tabela e Gráfico 89). No que concerne à análise em específico do estudo de caso da presente dissertação, ambos os jornais contêm maior percentagem de notícias à terça-feira (um dia após se ter dado o acontecimento em estudo e é quando é publicado na imprensa tradicional). O Público reúne assim 31 por cento das notícias à terça-feira, enquanto o Correio da Manhã contêm 27 por cento da informação a uma terça-feira. O dia seguinte que reúne mais notícias no jornal Público é a quarta-feira com 19 por cento, enquanto no Correio da Manhã é a quinta-feira com 19 por cento das notícias. A sexta-feira é o terceiro dia da semana que reúne mais notícias em ambos os jornais. O Público tem 16 por cento das notícias à sexta-feira, enquanto o Correio da Manhã tem 15 por cento dos conteúdos noticiosos sobre o ataque à frota a uma sexta-feira (Tabela e Gráfico 90).

Para se analisar a localização das notícias de ambos os jornais (Público e Correio da Manhã) optou-se por criar secções equivalentes às presentes nos jornais, para assim uniformizar a análise. As secções escolhidas foram: Internacional, Destaque, Editorial,

Opinião e Outros. No caso da análise a nível do conflito israelo-palestiniano no geral, o Público reúne a maioria da informação que saiu na secção Internacional, com 87 por cento das notícias, enquanto o Correio da Manhã reúne 74 por cento das notícias na secção Internacional (Tabela e Gráfico 81). O jornal Público depois reúne 4 por cento da informação na secção Destaque, 4 por cento na secção Opinião, 4 por cento na secção Outros e 1 por cento na secção Editorial, enquanto o Correio da Manhã 19 por centos das notícias localizam-se na secção Outros e 7 por cento na secção Opinião (Tabela e Gráfico 81). Dos dois jornais o Público é o único que dá destaque de informações relacionadas com o conflito em geral e sobre o ataque à frota em particular na secção Destaque. O Correio da Manhã, apesar de ter a editoria Destaque no jornal, nunca colocou lá informações sobre o conflito em geral ou sobre o ataque à frota em particular. Segundo a política editorial do jornal, o Correio da Manhã privilegia a cobertura de acontecimentos de âmbito nacional e não internacional. No estatuto Editorial, disponível em www.cmjornal.xl.pt, diz que o “Correio da Manhã escolhe o espaço global da língua portuguesa como principal foco do seu desígnio de informar”, enquanto o Público é conhecido por sempre ter privilegiado as notícias de cariz internacional e por fazer uma cobertura deste tipo de acontecimentos. No que concerne à análise das notícias que saíram no ano de 2010 sobre o ataque à frota (estudo de caso da presente dissertação), a secção de Internacional continua a ser entre os dois jornais a que reúne maior número de textos noticiosos. O jornal Público tem 75 por cento das notícias sobre o ataque na secção de Internacional, enquanto o Correio da Manhã reúne 63 por cento dos textos sobre o ataque na mesma secção (Tabela e Gráfico 82). Nas restantes secções o Público reúne 9 por cento das notícias na secção Destaque, 9 por cento na secção Opinião, 3 por cento na secção Editorial e 3 por cento na secção Outros. No caso do Correio da Manhã 25 por cento das notícias sobre o ataque estão reunidas na secção Outros e 13 por cento na secção Opinião (Tabela e Gráfico 82). As principais diferenças entre os dois jornais evidenciam-se sobretudo na secção Destaque e Editorial. Por exemplo, o Editorial de dia 1 de junho de 2010, na página 38, tem como título “O gesto inaceitável de Israel” e ‘lead’ “Israel não quer que a maior ameaça existencial é a que está no interior dos muros que constrói” (Imagem 4).

A nível de palavras-chave a diferença principal entre o Público e o Correio da Manhã reside no número de palavras retiradas dos textos. A nível de análise das notícias de 2010 sobre o conflito israelo-palestiniano no geral, no jornal Público foram retiradas 1779 palavras e do Correio da Manhã 670 palavras. No caso do Público das 1779

palavras 20 por cento são referentes aos Países Envolvidos tanto no conflito como no ataque. Enquanto no Correio da Manhã das 670 palavras 23 por cento também dizem respeito aos Países Envolvidos. A categoria Outras reúne 18 por cento das palavras retiradas das notícias do Público e 14 por cento das palavras do Correio da Manhã. A categoria Países Secundários reúne 8 por cento das palavras-chave encontradas em ambos os jornais analisados. Enquanto 7 por cento das palavras do Público encontram-se nas Referências à Ocupação, no Correio da Manhã estes 7 por cento dizem respeito há palavras sobre Grupos Terroristas (Tabela e Gráfico 87). Em ambos os jornais é referida a palavra ocupação, colonatos, colonatos ilegais, entre outras referências a outro tipo de ocupação por parte de Israel em territórios palestinos. Bishara (2002) refere em relação a esta questão que o “termo «ocupação», único termo preciso e legítimo para descrever a presença ilegítima dos israelitas nos territórios palestinos há 27 anos, está completamente ausente dos textos” (2002:71) jornalísticos e que “nunca a ocupação é aí reconhecida, nunca a palavra é admitida, como também não são mencionados os colonatos ilegais que, como as outras questões sensíveis e essenciais do conflito” (*ibid*). As conclusões a que Bishara (2002) chega não são verificadas na análise feita nesta dissertação, onde a ocupação israelita é abordada de uma forma negativa e como impasse para o processo de paz. Por exemplo, uma das notícias que sai no dia 8 de julho de 2010, na página 13, secção Mundo, no jornal Público tem como título "Netanyahu estende a mão a Abbas mas colonatos continuam a bloquear negociações" e como ‘lead’ "Com o apoio dos EUA, Israel, insiste no reinício sem pré-condições das negociações diretas antes de setembro, quando expira moratória à expansão da colonização". No caso do Correio da Manhã a abordagem a este tipo de problemática é feita de forma diferente, como se pode ver através da notícia de dia 2 de setembro de 2010, na página 32, secção Mundo com o seguinte título e subtítulo "Washington: Conversações de paz israelo-palestinas arrancam hoje" – “Israel pode ceder parte de Jerusalém" e ‘lead’ "Telavive dá sinais de compromisso na longa disputa pela Cidade Santa mas insistência nos colonatos pode fazer fracassar conversações diretas". Enquanto no Público existe uma certeza, no Correio da Manhã a questão colonatos funciona mais como uma hipótese que pode não ser verificável.

Quando se passa para a análise das palavras-chave do ataque feito pelo exército israelita à frota pró-palestina de ajuda humanitária que tentou quebrar o bloqueio a Gaza, os números divergem entre os dois jornais. No caso do Público das 864 palavras retiradas de um total 1779, 18 por cento enquadravam-se na categoria Outras, enquanto

no Correio da Manhã das 670 palavras encontradas no geral 320 pertenciam às notícias sobre o estudo de caso, destas 16 por cento pertencem à categoria Países Envolvidos e outros 16 por cento à categoria Outras (Tabela e Gráfico 88). No jornal Público 16 por cento das notícias enquadram-se na categoria Países Envolvidos, 8 por cento dentro das palavras relacionadas com Embarcações, 8 por cento na categoria Países Secundários e outros 8 por cento na categoria Organizações Internacionais. No caso do Correio da Manhã 12 por cento das palavras enquadram-se na categoria de palavras relacionadas com Embarcações, 9 por cento estão inseridas nas palavras relacionadas com Violência e 8 por cento abordam a questão dos Grupos Terroristas (Tabela e Gráfico 88).

No que concerne às fontes de informação e de como estas tiveram um papel determinante na cobertura Antony Lerman (especialista em antissemitismo) diz que “a máquina de relações públicas israelita já venceu a batalha mediática, ao conseguir que as grandes cadeias internacionais se centrassem na sua versão dos acontecimentos. Tendo em conta que virtualmente todas as provas visuais estão agora em mãos israelitas, é improvável que alguma vez saibamos exatamente o que aconteceu” (*in* Público, dia 5 de junho, página 14, secção Mundo citando o The Guardian). Quando analisadas as fontes nas notícias sobre o conflito em geral e usando as categorias anteriormente elaboradas também se verifica uma grande diferença no número de fontes de informação encontradas. No Público de 158 notícias analisadas no geral foram encontradas 645 fontes, enquanto no Correio da Manhã de 95 textos noticiosos foram retiradas 141 fontes (Tabela e Gráfico 93). As fontes ligadas a Órgão de Comunicação Social são as que reúnem maior percentagem, com 48 por cento no Correio da Manhã e 36 por cento no Público. Em seguida as fontes ligadas aos Governos Envolvidos são as que reúnem maior percentagem, com 23 por cento no Público e 21 por cento no Correio da Manhã (Tabela e Gráfico 93). No que concerne às fontes recolhidas nas notícias sobre o estudo de caso a prevalência em ambos os jornais impressos continua a ser nas fontes de informação ligadas aos Órgãos de Comunicação Social. O Público tem nesta categoria 31 por cento das fontes recolhidas e o Correio da Manhã reúne 44 por cento das fontes na categoria Órgãos de Comunicação Social (Tabela e Gráfico 94). No caso das fontes ligadas aos Governos Envolvidos no ataque à frota o Público reúne 24 por cento das fontes nesta categoria, no Correio da Manhã, 18 por cento das fontes estão ligadas aos Governos Envolvidos (Tabela e Gráfico 94). Fontcuberta (2002) afirma:

“A atribuição é o modo como os jornalistas revelam que a sua informação tem origem numa determinada fonte. A atribuição confere mais veracidade à notícia, pois o público vê-a como garantia de fidelidade aos factos” (2002:48).

O jornalismo ou imprensa *online* como Mar de Fontcuberta (2002) afirma, veio trazer “uma mudança profunda na produção de informação” (2002:108). E compara o jornalista do meio *online* ao “jornalista de um diário” que “escreve, corrige e página, além de ser um perito na utilização de novas tecnologias, o que lhe traz não poucas angústias” (FONTCUBERTA, 2002:108). Estas mudanças de paradigma no jornalista tradicional e “a progressiva presença da técnica faz que, muitas vezes, o jornalista esteja mais preocupado com a forma do que com o conteúdo” (FONTCUBERTA, 2002:108). Isto serve de mote para se passar à análise comparativa entre os diários analisados na imprensa *online* (Diário Digital e Portugal Diário) e por fim passar à comparação da imprensa tradicional e a imprensa *online*.

Quando se analisa na imprensa *online* o número de notícias publicadas em cada um dos meios analisados não divergem muito no número de textos que saíram. No âmbito da análise do conflito israelo-palestiniano, no ano de 2010, no Diário Digital saíram 276 notícias e no Portugal Diário um total 101 artigos noticiosos relacionados com o conflito em geral. No caso da análise do estudo de caso em particular foram retiradas do Diário Digital 111 notícias sobre o ataque à frota pró-palestiniana e no Portugal Diário foram analisadas 48 notícias sobre o ataque. Na análise comparativa da imprensa *online* optou-se por aglomerar a informação recolhida nas seguintes categorias de análise: Número de Notícias Mês; Dias da Semana; Localização; Palavras-chave e Fontes de Informação.

No que concerne à análise do volume noticioso de cada mês do ano de 2010, das 276 notícias do Diário Digital 30 por cento estão localizadas no mês de junho, enquanto no Portugal Diário das 101 notícias sobre o conflito em geral 43 por cento localizam-se no mês de junho. O outro mês que reúne grande parte da informação que saiu no ano de 2010 sobre o conflito em geral, no caso do Diário Digital foi o mês de julho (31 – 11%) e maio (31 – 11%), enquanto no Portugal Diário o mês que reúne grande parte das notícias é o mês de maio, com 16 por cento das 101 notícias analisadas (Tabela e Gráfico 99). No que diz respeito à análise dos meses em que existiram mais notícias sobre o estudo de caso da presente dissertação, maio e junho são os que reúnem maior percentagem em ambos os portais *online*. No caso do Diário Digital das 111 notícias

sobre o ataque em particular 51 por cento estão localizadas no mês de junho e 23 por cento no mês de maio, enquanto no Portugal Diário das 48 notícias que saíram sobre o ataque 67 por cento foram publicadas no mês de junho e 21 por cento no mês de maio (Tabela e Gráfico 100). O Diário Digital, dos dois jornais *online* analisados, é o que estende mais a informação. Neste jornal encontram-se 3 por cento das notícias sobre o estudo de caso no mês de outubro. A última notícia sai no dia 26 de outubro e é publicada às 15h45, na secção Mundo e cujo título é: "Israel usou fórmulas matemáticas para controlo provisões de Gaza". E com '*lead*' "O exército israelita utilizou fórmulas matemáticas para supervisionar e controlar o fornecimento de produtos à Faixa de Gaza durante o bloqueio comercial que impôs à região entre junho de 2007 e maio de 2010."

No que diz respeito aos dias da semana que tiveram maior fluxo noticioso sobre o conflito em geral no ano de 2010, a segunda-feira é o dia em que se reúne mais informação. Isto é explicado pelo facto do ataque à frota se dar a uma segunda-feira e ao contrário do que acontece na imprensa tradicional, nos meios *online* existe a possibilidade de publicar o acontecimento na hora em que se dá. No caso do Diário Digital na análise sobre o conflito israelo-palestiniano no geral, no ano de 2010, tem 24 por cento das notícias publicadas a uma segunda-feira, enquanto no Portugal Diário este número é de 21 por cento à segunda-feira. No Diário Digital o dia que a seguir de segunda-feira reúne mais notícias é a terça-feira com 18 por cento e a quarta-feira com 14 por cento dos textos noticiosos publicados neste portal de notícias. No caso do Portugal Diário 17 por cento das notícias encontram-se publicadas à terça-feira e 16 por cento ao Domingo (Tabela e Gráfico 97). Na análise do estudo de caso a maioria das notícias sobre o ataque à frota também se encontram publicadas à segunda-feira, dia em que ocorre o acontecimento em análise. No Diário Digital a segunda-feira reúne 32 por cento das notícias que saíram sobre o caso em estudo, enquanto no Portugal Diário 29 por cento é a percentagem de notícias publicadas à segunda-feira. A terça-feira é o dia a seguir a segunda-feira que reúne mais notícias de ambos os jornais *online*. O Diário Digital tem 25 por cento das notícias à terça-feira e 16 por cento à quarta-feira, enquanto o Portugal Diário tem 27 por cento das notícias à terça-feira e 19 por cento à quarta-feira (Tabela e Gráfico 98). No caso das notícias que saíram no dia do ataque, e que correspondem a uma segunda-feira, o Diário Digital publicou 25 notícias e o Portugal Diário 10 textos sobre o ataque no dia em que ocorreu. A primeira notícia que saiu sobre o ataque no Diário Digital eram 6h34 e tinha como título: "Raid israelita faz dois mortos em frota de ajuda humanitária". E como '*lead*': "Duas pessoas foram

mortas e cerca de 30 ficaram feridas quando as forças israelitas efetuaram um raid contra um navio turco da frota pró-palestiniana que transporta ajuda para Gaza, indicou um representante de uma ONG turca envolvida na operação." No caso do Portugal Diário eram 9h24 e tinha como título: "Israel ataca navio de ajuda e mata ativistas". E como *'lead'*: "Caravana que transportava ajuda humanitária para Gaza era formada por seis barcos com 750 pessoas a bordo". Numa primeira análise o Diário Digital arrisca dizer o número de mortos, que foi superior ao noticiado, enquanto o Portugal Diário dá as informações com mais cautela. O tipo de enquadramento dado à notícia de ambos os jornais também é diferente. Enquanto o Diário Digital opta por dar o número de mortos, o Portugal Diário só refere que existiu um ataque com mortos não especificando quantos. Segundo McQuail (2003) "o enquadramento é um modo de dar alguma interpretação a itens de factos isolados" (2003:348). Para Entman (1993), que é citado por McQuail (2003), "o enquadramento envolve seleção e saliência", pois para o autor os enquadramentos servem para definir problemas, diagnosticar causas, "fazer juízos morais" e sugerem soluções (2003:348).

No que concerne à localização dos acontecimentos em secções, foram construídas novas editorias de forma a organizar melhor a informação para a comparação de resultados. As secções escolhidas para organizar a informação foram: Internacional, Política, Opinião e Outros. A secção Internacional em ambos os jornais é a editoria que reúne maior número de notícias do conflito em geral. No Diário Digital das 276 notícias que saíram 97 por cento encontravam-se na secção Internacional, no Portugal Diário das 101 notícias sobre o conflito em geral 78 por cento estavam localizadas na secção Internacional (Tabela e Gráfico 95). O Portugal Diário, como já se viu na análise dos resultados de cada jornal tem as notícias que saíram sobre o conflito em geral e sobre o estudo de caso em particular distribuídas em mais do que duas secções. Ou seja, no cruzamento de informação encontramos as notícias do Diário Digital distribuídas em 2 secções, enquanto as do Portugal Diário estão distribuídas por 4 secções. Isto é, no Diário Digital para além das notícias que se localizam na secção Internacional (268 – 97%), 3 por cento localizam-se na secção Política. No Portugal Diário para além das notícias que aparecem na secção de Internacional (79 – 78%), 15 por cento localizam-se na secção Outros, 6 por cento na secção Política e 1 por cento na secção Opinião (Tabela e Gráfico 95). No caso da análise do estudo de caso volta a verificar-se uma maior concentração das notícias na secção de Internacional. No Diário Digital 94 por cento das 111 notícias que saíram sobre o ataque à frota pró-palestiniana

estavam localizadas na secção Internacional e 6 por cento na secção Política, enquanto no Portugal Diário das 48 notícias sobre o ataque à 'Flotilha da Liberdade' (como foi apelidada a frota), 73 por cento estão localizadas na secção Internacional, 13 por cento na secção Política, 13 por cento na secção Outros e 2 por cento na secção Opinião (Tabela e Gráfico 96). Dos dois jornais analisados a nível *online* só o Portugal Diário tem textos de Opinião sobre o caso em estudo. O texto de Opinião saiu no dia 1 de junho de 2010 (um dia após o ataque à frota) às 19h00, na secção Opinião, com a autoria do deputado do Bloco de Esquerda (BE) João Semedo, com o título "Opinião: Israel sente-se impune e viola direitos" e com o '*lead*' "Deputado João Semedo crítica ataque e reação portuguesa".

No que concerne às palavras-chave retiradas dos textos analisados do Diário Digital e do Portugal Diário verificou-se que existe uma maior incidência de palavras relacionadas com os países envolvidos no conflito em geral e no caso em estudo em particular. No caso do Diário digital das 276 notícias analisadas foram retiradas 2388 palavras sobre o conflito em geral, enquanto do Portugal Diário das 101 notícias estudadas foram retiradas 1041 palavras. Das 2388 palavras retiradas do Diário Digital 26 por cento estão inseridas na categoria Países Envolvidos, enquanto das 1041 palavras retiradas do Portugal Diário 18 por cento estão relacionadas com os países envolvidos (Tabela e Gráfico 101). No caso em estudo das 111 notícias analisadas no Diário Digital foram retiradas 1166 palavras, e das 48 notícias analisadas sobre o ataque à frota no Portugal Diário foram retiradas 633 palavras. No Diário Digital das 1166 palavras 20 por cento estão relacionadas com os países envolvidos e 11 por cento estão agregadas na categoria Outras, enquanto das 633 palavras retiradas das notícias analisadas sobre o ataque à frota no Portugal Diário, 15 por cento estão inseridas na categoria Países Envolvidos e 14 por cento na categoria Violência (Tabela e Gráfico 102).

No que diz respeito às fontes de informação utilizadas nas notícias do Diário Digital e do Portugal Diário existe também uma grande influência de órgãos de comunicação social. Do Diário Digital de um total de 276 notícias analisadas sobre o conflito israelo-palestiniano no geral, no ano 2010, foram encontradas 489 fontes de informação, enquanto das 101 notícias analisadas no Portugal Diário foram retiradas 218 fontes. No caso do Diário Digital das 489 fontes 20 por cento estão ligadas a órgão de comunicação social, 18 por cento estão ligadas aos governos envolvidos e 11 por cento a fontes de governos estrangeiros, enquanto das 218 fontes identificadas no Portugal Diário 40 por cento estão ligadas a órgão de comunicação social, 9 por cento

são fontes ligadas aos governos envolvidos no conflito em geral e no ataque em particular e 8 por cento são fontes ligadas aos governos estrangeiros (Tabela e Gráfico 103). No que concerne à análise das fontes no caso em estudo na presente investigação, das 111 notícias analisadas no Diário Digital foram retiradas 198 fontes e das 48 notícias sobre o conflito no Portugal Diário foram retiradas 103 fontes de informação. Como na análise sobre as fontes nas notícias sobre o conflito israelo-palestiniano no ano de 2010, nos textos noticiosos sobre o caso em estudo – o ataque à frota pró-palestiniana de ajuda humanitária no dia 31 de maio de 2010, as fontes que estão ligadas aos órgãos de comunicação social são as que têm maior influência nos textos jornalísticos. Do Diário Digital das 198 fontes identificadas nos textos 24 por cento estavam ligadas a órgãos de comunicação social, 22 por cento das fontes estão ligadas aos governos envolvidos no ataque e 12 por cento a fontes ligadas a governos estrangeiros. No caso do Portugal Diário das 103 fontes analisadas 24 por cento estavam ligadas a órgãos de comunicação social, 22 por cento eram fontes ligadas aos governos envolvidos e 12 por cento eram fontes ligadas aos governos estrangeiros (Tabela e Gráfico 104). Para Nelson Traquina (2002) que cita Elliot (1978):

“As notícias são produzidas por jornalistas que usam rondas regulares, fontes de informação reconhecidas que têm o seu próprio interesse em tornar a informação disponível...Tal como na agricultura, nada é inteiramente previsível” (2002:116).

A nível de hiperligações, foto galerias ou vídeo galerias só o Portugal Diário comporta nas notícias que publicou este tipo de interatividade com o leitor.

Dos acontecimentos noticiados sobre o conflito israelo-palestiniano em geral no ano de 2010 o que teve maior destaque na imprensa foi o ataque do exército israelita a uma frota de ajuda humanitária que tentou quebrar o bloqueio a Gaza no dia 31 de maio de 2010. Como Robert Park (1940) citado por McQuail (2003) afirma “se é o inesperado que acontece, não é todo o inesperado que aparece nas notícias” (2003:343). Pois para Park (1940):

“Os acontecimentos que foram notícia no presente, são de facto coisas esperadas...são no seu conjunto os acidentes e incidentes para os quais o público está preparado...as notícias são feitas daquilo que se teme ou que se deseja” (McQUAIL, 2003:348).

Para evidenciar as principais diferenças entre a cobertura destes acontecimentos foi feito o cruzamento entre as notícias analisadas para a presente investigação na imprensa tradicional e a imprensa *online*. Este cruzamento procura salientar as principais diferenças entre os dois tipos de cobertura noticiosa.

As grandes diferenças da imprensa tradicional em comparação com a imprensa *online* residem sobretudo nas propriedades do jornalismo feito para a plataforma online. As notícias que são publicadas na internet possuem características que não conseguem ser alcançadas pelas notícias em papel, como a instantaneidade que permite publicar as notícias na altura em que o acontecimento ocorre, fazer atualizações a todo o momento da evolução do mesmo e permitem sobretudo acompanhar todos os acontecimentos num computador, telemóvel ou outro dispositivo móvel com acesso à internet. Muitas vezes estes conteúdos são disponibilizados de forma gratuita na *internet*, enquanto o ‘velho’ jornal cobra um valor monetário. A *multimedialidade* é outra das características que diferenciam a imprensa *online* da tradicional. Esta característica permite a implementação nas notícias de elementos vídeo, áudio ou fotografias. Outra das características do *ciberjornalismo* ou jornalismo *online* é *hipertextualidade*, em que faz com que a informação feita para a *internet* tenha uma estrutura diferente em relação à imprensa tradicional. Ao acrescentar hiperligações nos textos noticiosos o jornalista vai levar o leitor a contextualizar e complementar toda a informação que recebeu. Nos meios tradicionais, se o leitor quiser interagir com o jornal, tem de escrever uma carta a expor o seu ponto de vista em relação a uma problemática que saiu noticiada, enquanto nos média *online* esta tarefa é simplificada pelas caixas de comentários ou fóruns criados pelo próprio jornal *online*, que convida os leitores a discutir um assunto da atualidade. Ou seja, a *interatividade* é outra das características da imprensa *online*.

Na análise que foi feita para esta dissertação a investigadora deparou-se com um problema no que tocou à análise dos jornais tradicionais, que não aconteceu com a análise da imprensa online. Para se analisar o ano de 2010 do jornal Público e do Correio da Manhã a investigadora teve de recorrer ao acervo da Biblioteca Municipal de Vila do Conde e da Biblioteca Municipal do Porto. Enquanto para a análise do Diário Digital e Portugal Diário a investigadora recorreu ao computador pessoal e à internet para investigar as notícias que saíram nestes dois *sites* noticiosos. Ou seja, o facto de os portais *online* que agregam notícias terem uma caixa de pesquisa, um arquivo imenso e ainda agregarem a informação por *tags*, facilita o trabalho do investigador. Isto é, permite que este faça uma investigação comodamente em casa, sem ter de se deslocar a

uma biblioteca fora da área de residência. Todas estas características são evidentes a olho nu, mas para se chegar às principais diferenças da cobertura noticiosa de acontecimentos importantes, como o estudo de caso, teve-se de recorrer a uma análise pormenorizada dos dois estilos de imprensa.

Para a análise comparativa da imprensa tradicional e da imprensa *online* foram escolhidas as seguintes categorias de investigação: Número Notícias Mês; Dias da Semana; Localização; Palavras-chave e as Fontes de Informação usadas.

No que concerne ao número de notícias que saíram cada mês do ano de 2010, junho é o mês em que existe maior fluxo noticioso nos dois estilos de imprensa. Das 253 notícias analisadas na imprensa tradicional sobre o conflito israelo-palestiniano no geral, 29 por cento saiu no mês de junho, enquanto na imprensa *online* das 377 notícias que saíram no ano de 2010 sobre o conflito, 34 por cento saiu no mês de junho (Tabela e Gráfico 111). O mês de março é na imprensa tradicional o segundo período com maior concentração de notícias publicadas, com 18 por cento, enquanto na imprensa *online* o segundo mês com maior incidência noticiosa é maio, com 12 por cento. Na análise comparativa do número de notícias que saiu em cada mês sobre o conflito em geral, pode-se concluir que existe um fluxo de informação mais acentuado em maio na imprensa *online*, em relação à imprensa tradicional. Isto está relacionado com o facto de na imprensa *online* se publicar a notícia na hora em que se dá o acontecimento que lhe dá origem. Enquanto na imprensa tradicional a difusão dos acontecimentos é condicionada pela plataforma que é usada para levar a informação aos leitores. Ou seja, os acontecimentos só são publicados no dia a seguir à sua ocorrência. Como se pode verificar na análise dos jornais online sobre o caso em estudo, a primeira notícia que sai sobre o ataque são 6h34 da madrugada de dia 31 de maio de 2010, poucas horas depois de se ter dado o acontecimento. No caso da imprensa escrita tradicional as primeiras notícias sobre o ataque só são publicadas no dia seguinte. Enquanto na imprensa *online* a atualização é feita de ‘minuto a minuto’, na imprensa tradicional essa atualização não é possível. Mas, o “rigor” das informações difundidas é mais acentuado a nível da imprensa tradicional em comparação com a imprensa *online*. Este fator é verificado pelo facto de na imprensa tradicional as notícias terem associado o nome do autor que as produziu, enquanto na imprensa *online* todas as notícias que foram publicadas sobre o conflito em geral e sobre o ataque em particular não darem a conhecer ao leitor a autoria das informações difundidas. Mas, este dado também pode ser explicado por na imprensa tradicional a verificação da informação difundida ser feita de uma forma mais rigorosa e

com mais tempo. No caso dos meios *online* de difusão de notícias, com a pressa de ser o primeiro a difundir um acontecimento, deixa um pouco de parte a verificação das informações difundidas por outros órgãos de comunicação no local do acontecimento. Ou seja, não é feito o cruzamento da informação que é recebida. Como se pode verificar na análise os dois jornais do grupo da imprensa tradicional nas notícias publicadas sobre o caso em estudo, ambos os meios publicam o número correto de mortos. Enquanto na imprensa *online* isso não se verifica nas primeiras notícias que saem, sendo a informação corrigida com as sucessivas atualizações que fazem da matéria.

Quando se analisa o número de notícias publicadas sobre o caso em estudo em cada mês, comparando a imprensa tradicional e a imprensa *online* verifica-se que o mês de junho e julho são os períodos em que se verificam um maior volume das notícias que saíram sobre o ataque na imprensa tradicional, enquanto na imprensa *online* os dois meses com maior fluxo de notícias sobre o ataque à frota pró-palestina são maio e junho. De um total de 90 notícias analisadas sobre o ataque na imprensa tradicional, 79 por cento dos textos noticiosos encontram-se no mês de junho e 12 por cento no mês de julho, enquanto na imprensa *online* de um total de 159 notícias analisadas sobre o ataque, 56 por cento encontram-se no mês de junho e 22 por cento foram publicadas no mês de maio (Tabela e Gráfico 112). Como se verificou anteriormente, o mês com mais informação, para além do mês de junho, na imprensa tradicional é julho onde se encontra o rescaldo dos acontecimentos de dia 31 de maio de 2010, enquanto na imprensa *online* o mês de maio é o segundo mês com maior fluxo noticioso. Pois representa o mês em que se deu o caso em estudo na presente investigação. Neste último caso, o mês de junho, para além de representar em conjunto com maio, o mês onde são atualizadas as notícias sobre o ataque, mas também onde se situa o ‘rescaldo’ do acontecimento em análise.

Quando se faz a análise comparativa dos dias da semana em que existe maior fluxo noticioso entre a imprensa tradicional e a imprensa *online*, verifica-se que na análise do conflito em geral no ano de 2010 uma pequena variação dos resultados. Das 253 notícias analisadas na imprensa tradicional 20 por cento encontram-se publicadas à terça-feira e 15 por cento à segunda-feira, enquanto na imprensa *online* o dia que reúne maior percentagem de notícias é a segunda-feira com 27 por cento dos resultados, e a terça-feira reúne 20 por cento dos textos noticiosos (Tabela e Gráfico 107). Na análise feita ao fluxo noticioso verificado na análise sobre os dias da semana no estudo de caso, é verificado a mesma variação nos resultados. Na comparação imprensa tradicional e

imprensa *online*, a terça-feira reúne mais informação no primeiro género de imprensa e a segunda-feira reúne mais notícias no segundo género de imprensa. Isto acontece pelas características inerentes às plataformas usadas em cada um dos estilos passarem as informações à opinião pública. Enquanto a imprensa tradicional usa o jornal impresso, que tem um período de ‘maturação’ da informação de um dia, saindo a informação sobre o ataque à frota de ajuda humanitária na terça-feira dia 1 de junho de 2010. Quando este acontecimento se deu na madrugada de dia 31 de maio de 2010, que foi uma segunda-feira. Ou seja, a grande maioria dos jornais têm o seu fecho de redação às 24h00 de cada dia, para depois o conteúdo seguir para a gráfica, onde o jornal é impresso e distribuído na manhã do dia seguinte. Com a evolução dos meios de comunicação, foi-se aperfeiçoando as formas de dar a conhecer as notícias à opinião pública de uma forma mais rápida e eficaz. Isto aconteceu com a rádio, depois com a televisão e mais tarde com a internet. O velho ditado “a rádio diz, a televisão mostra e o jornal explica”, está a passar de moda com o aparecimento da *internet*. Isto é, os média *online* vieram agregar os três meios (a rádio – áudio; a televisão – imagem e o tradicional jornal em papel). Muitas vezes antes de a informação aparecer na rádio, na televisão e por último nos jornais, já está disponível na *internet*. E é isto que se verifica na análise feita aos dias da semana em que saíram mais notícias sobre o ataque na imprensa tradicional e na imprensa *online*. Das 90 notícias analisadas na imprensa tradicional sobre o estudo de caso 30 por cento encontravam-se nos jornais que saíram à terça-feira, 16 por cento nos jornais de quarta-feira e 16 por cento na sexta-feira. No caso da imprensa *online* existe uma variação nos dias da semana em que saem mais notícias sobre o ataque à frota pró-palestiniana de ajuda humanitária. Das 159 notícias analisadas na imprensa *online* 31 por cento foram publicadas a uma segunda-feira, 26 por cento a uma terça-feira e 17 por cento à quarta-feira (Tabela e Gráfico 108). A diferença entre a imprensa tradicional e a imprensa *online* reside no dia em que saem mais notícias sobre o estudo de caso, já anteriormente explicado.

No que concerne à Localização dos factos noticiosos sobre o conflito israelo-palestiniano em geral e sobre o ataque à frota pró-palestiniana em particular, foi necessário encontrar secções onde a informação recolhida da imprensa tradicional e na imprensa *online* pudesse ser encaixada. Para isto foi organizada a informação em cinco secções principais que são: Internacional, Destaque, Editorial, Opinião e Outros. Na análise da informação que saiu sobre o conflito israelo-palestiniano em geral no ano de 2010, não existem grandes diferenças entre a Localização que as notícias têm nos

jornais e/ou nos portais *online* de notícias. A única diferença neste ponto é a que sobressai mais na análise comparativa que foi feita é no número de secções usadas para expor a informação. No caso da imprensa tradicional encontram-se notícias, artigos de opinião e/ou comentários nas secções de Mundo (Internacional), Destaque, Editorial, Opinião e/ou Política. No caso da imprensa *online* os textos noticiosos estão mais concentrados em secções como Internacional, Destaque e Política. Das 253 notícias que saíram na imprensa tradicional 82 por cento estavam localizadas na secção Internacional., enquanto na imprensa *online* das 377 notícias analisadas sobre o conflito em geral 92 por cento foram publicadas na secção Internacional (Tabela e Gráfico 113). Quando se passa para a análise do estudo de caso os resultados são semelhantes aos obtidos na análise geral. Na imprensa tradicional das 90 notícias que saíram sobre o ataque à frota de 31 de maio de 2010, 72 por cento estavam localizadas na secção Internacional e 10 por cento na Opinião. No caso da imprensa *online*, das 159 notícias que saíram sobre o ataque à frota pró-palestiniana 87 por cento foram publicadas na secção Internacional e 8 por cento na secção Destaque (Tabela e Gráfico 114). Na análise da Localização da informação sobre o ataque à frota, a única diferença entre a imprensa tradicional e a imprensa *online* reside na segunda secção onde estão concentradas mais notícia.

No caso das palavras-chave usadas na imprensa tradicional e na imprensa *online* na análise do conflito israelo-palestiniano em geral no ano de 2010, as duas categorias que têm maior concentração de resultados são as mesmas. Das 253 notícias analisadas na imprensa tradicional foram retiradas 2449 palavras, em que 20 por cento são sobre os países envolvidos no conflito em geral e sobre o ataque em particular, e 17 por cento estão inseridas na categoria Outras. Na imprensa *online*, das 377 notícias analisadas no geral foram retiradas 3346 palavras, das quais 24 por cento estão relacionadas com os países envolvidos e 9 por cento estão na categoria Outras (Tabela e Gráfico 109). Quando se passa para a análise das palavras-chave nas notícias que saíram sobre o ataque à frota de ajuda humanitária pró-palestiniana que tentou quebrar o bloqueio a Gaza, existem algumas diferenças no estudo comparativo. Das 90 notícias analisadas sobre o ataque à frota na imprensa tradicional, foram retiradas 1184 palavras, das quais 18 por cento estão inseridas na categoria Outras e 16 por cento na categoria Países Envolvidos. Enquanto na imprensa *online*, das 159 notícias analisadas foram retiradas 1799 palavras. Destas, 18 por cento estão inseridas na categoria Países Envolvidos no ataque, 10 por cento das palavras estão relacionadas com embarcações (180) e outros 10

por cento estão inseridas na categoria Outras (175) (Tabela e Gráfico 110). A principal diferença entre a imprensa tradicional e a imprensa *online* reside nas categorias onde estão mais concentradas as palavras relativas ao ataque à frota de ajuda humanitária. No caso da imprensa tradicional das 19 categorias onde foram concentradas as palavras retiradas das notícias sobre o ataque, as duas onde se concentravam mais eram nas categorias Outras (210 – 18%) e Países Envolvidos (189 – 16%). No caso da imprensa *online* as categorias onde estão mais concentrados os resultados são as relacionadas com os Países Envolvidos (323 – 18%), Embarcações (180 – 10%) e Outras (175 – 10%).

No que concerne às fontes de informação mais usadas pela imprensa tradicional e pela imprensa *online* teve-se de recorrer às mesmas categorias de análise utilizadas para o estudo de cada meio de comunicação social (Público, Correio da Manhã, Diário Digital e Portugal Diário). Antes de passar à análise comparativa das fontes, convém salientar as causas a que uma determinada entidade ou pessoa chega a fontes de informação. Segundo Mar de Fontcuberta (2002) “quando um jornalista assiste pessoalmente ao acontecimento que descreve, a notícia denomina-se em primeira mão e implica o seu testemunho direto” (2002:47). Mas, quando “o jornalista não conhece pessoalmente a informação, mas através de declarações de uma testemunha direta, fala-se em notícia em segunda mão. Essa testemunha será a fonte da notícia” (*Ibid*). Mas quando a notícia se baseia na “informação de uma fonte que por seu turno foi informada por uma testemunha dos factos, encontramos-nos perante uma notícia em terceira mão” (*Ibid*). Ou seja, dependendo do tipo de fonte a que o jornalista recorre pode-se classificar as notícias de três formas distintas. No caso da análise elaborada para a presente dissertação, no que concerne ao estudo dos acontecimentos sobre o conflito israelo-palestiniano no geral, as fontes analisadas colocam as notícias em estudo na categoria de *segunda mão* e de *terceira mão*. Pois nenhum jornalista presenciou no local ao desenrolar dos acontecimentos. Passando à análise propriamente dita, das 253 notícias analisadas na imprensa tradicional sobre o conflito em geral foram identificadas 786 fontes. Destas 786 fontes, 38 por cento estavam ligadas a órgãos de comunicação social, 23 por cento são fontes ligadas aos governos envolvidos e 10 por cento estão ligadas aos governos estrangeiros. No caso da imprensa *online*, das 326 notícias analisadas foram identificadas 707 fontes. Das 707 fontes identificadas 26 por cento estavam ligadas a órgãos de comunicação social, 15 por cento eram fontes ligadas aos governos envolvidas e 10 por cento das fontes estavam ligadas aos governos estrangeiros (Tabela e Gráfico 105). Das quinze categorias onde foram ordenadas as

fontes identificadas nas notícias sobre o conflito em geral, ainda poderemos dividir estas em dois grandes tipos de fontes. As fontes *Conhecidas* e as fontes *Desconhecidas*. Esta tipificação é feita por Herbert Gans (1979) que é citado por Vasco Ribeiro (2009). Para o autor as fontes *Conhecidas* estão mais ligadas às “elites políticas, económicas, sociais e culturais”, enquanto as *Desconhecidas* estão relacionadas com “cidadão anónimos” (2009:25). Para Gans (1979), que é parafraseado por Ribeiro (2009), as fontes *Conhecidas* “produzem quatro vezes mais notícias” (*Ibid*), do que as fontes *Desconhecidas*. Neste contexto, na análise existem 12 categorias de fontes *Conhecidas* (Órgãos de Comunicação Social, Organização Internacional, Organização Governamental, Força Militar/Policial, EU, Governo Envolvido, Governo Estrangeiro, Especialistas, ONG’s, Grupos Terroristas, Comunicados e Fontes hospitalares) que produzem mais de metade das notícias produzidas pelas 3 categorias de fontes *Desconhecidas* (Fontes anónimas, Populares, testemunhas).

Por fim, no que diz respeito à análise comparada da imprensa tradicional e imprensa *online*, o número de fontes identificadas nas notícias sobre o estudo de caso da presente investigação não divergiu muito da análise geral do conflito no ano de 2010. Das 90 notícias analisadas sobre o ataque à frota na imprensa tradicional foram identificadas 313 fontes. Destas 313 fontes, 33 por cento estavam ligadas a órgãos de comunicação social, 23 por cento eram fontes ligadas aos governos envolvidos no ataque e 8 por cento eram fontes ligadas aos governos estrangeiros. No caso da imprensa *online*, das 159 notícias analisadas sobre o ataque à frota de ajuda humanitária foram identificadas 301 fontes. Destas 301 fontes, 27 por cento estavam ligadas a órgãos de comunicação social, 20 por cento aos governos envolvidos e 11 por cento eram fontes ligadas aos governos estrangeiros (Tabela e Gráfica 106). Em ambas análises (conflito no geral e do ataque em particular) verifica-se que apesar de o volume de notícias analisadas na imprensa tradicional ser inferior às analisadas na imprensa *online*, o número de fontes identificadas consegue ser superior no primeiro caso (786 geral – 313 ataque) em comparação com o segundo (707 geral – 301 ataque). E as fontes com maior predominância, usando a tipificação que Gans (1979) fez, as fontes *Conhecidas* continuam a ter maior peso nas notícias sobre o ataque à frota em comparação com as fontes *Desconhecidas*.

CONCLUSÃO

Esta dissertação de mestrado teve como primeiro propósito conhecer as diferenças mais salientes entre a imprensa tradicional e a imprensa *online* na cobertura de um acontecimento especial. E ainda as diferenças no enquadramento dado às notícias e principalmente se se verifica algum tipo de posicionamento editorial por parte dos meios de comunicação analisados. Para se chegarem a estas hipóteses recorreu-se ao estudo de caso do ataque da frota pró-palestiniana de ajuda humanitária, que tentou quebrar o bloqueio a Gaza. Neste sentido, considera-se cumprido o propósito desta dissertação. Apesar de alguns temas terem ficado em aberto e poderem sofrer uma análise mais profunda num futuro estudo. Como, por exemplo, se as hipóteses utilizadas se podem verificar em outro tipo de acontecimentos ligados a outras áreas de interesse jornalístico.

Perante os dados explanados nos anteriores capítulos e as questões apontadas nesta investigação, concluiu-se que a nível da cobertura de acontecimentos existem grandes diferenças entre a imprensa tradicional e a imprensa *online*. Mas, estas diferenças também são verificadas quando analisados os meios comunicação (Público, Correio da Manhã, Diário Digital e Portugal Diário) usados nesta investigação isoladamente. Em relação aos enquadramentos usados nas notícias sobre o ataque, também se evidenciam diferenças. E por último, o posicionamento editorial do jornal ou do portal de notícias em relação ao ataque à frota de ajuda humanitária. Esta última hipótese não foi verificada no caso da imprensa *online*, mas foi verificada na imprensa tradicional. Pois a importância dada ao acontecimento e a forma como a cobertura foi feita, evidenciam um posicionamento diferente do Público em relação ao Correio da Manhã.

Na primeira hipótese propunha-se verificar a existência de diferenças na forma como é feita a cobertura de conflitos de âmbito internacional, utilizando como base o caso em estudo, nos quatro meios de comunicação social em análise (Público, Correio da Manhã, Diário Digital e Portugal Diário). Neste primeiro ponto concluiu-se que existem diferenças na forma como é feita a cobertura do ataque à frota pró-palestiniana nos quatro meios de comunicação analisados. Facto que está relacionado com a política editorial de cada um dos meios, bem como com a forma de organização da informação na publicação e com as escolhas que o jornalista faz na construção das “estórias”. Ao fazer a comparação entre os dois jornais impressos, a primeira diferença verifica-se no

destaque dado à notícia do ataque à frota de ajuda humanitária que tentou quebrar o bloqueio de Gaza. No caso do jornal Público, o destaque dado ao acontecimento da madrugada de 31 de maio na primeira página ocupa cerca de meia folha da capa do diário de referência português (Imagem 1 e 2). No que concerne ao Correio da Manhã, o destaque na primeira página de dia 1 de junho de 2010 resume-se a uma pequena imagem no topo da página no lado direito desta e com o seguinte título: “Palestinianos massacrados – Israel mata em barcos de ajuda”. Para além da diferença do destaque dado na primeira página sobre um mesmo acontecimento, o Público também usa na capa um título muito diferente do usado pelo Correio da Manhã. No dia 1 de junho o diário Público optou pelo seguinte título: “Israel sob pressão após ataque a barco turco – Uso desproporcionado da força militar condenado em todo o mundo. Turquia acusa Telavive de “terrorismo de Estado”. Através dos textos escolhidos para ilustrar as primeiras páginas, bem como as imagens usadas, pode-se verificar que os dois jornais diários são muito diferentes. Quando se passa para a análise das páginas interiores dos dois jornais diários (Público e Correio da Manhã) verificam-se novamente diferenças a nível de conteúdo e da forma como o acontecimento em estudo é tratado. No dia 1 de junho de 2010 o Público abarca no seu interior 7 artigos ligados ao ataque à frota de ajuda humanitária de dia 31 de maio de 2010. Dos 7 artigos sobre o ataque, 3 são notícias, 1 comentário, 1 artigo de opinião, 1 editorial e por fim 1 *‘fait-divers’*. Em comparação, o Correio da Manhã só tem duas notícias sobre o acontecimento em estudo, uma vem nas páginas interiores e a outra na última página, enquanto no Público o relato do que aconteceu é feito nas 4 primeiras páginas do jornal de referência. Só neste pequeno exemplo podemos concluir que existem diferenças na cobertura de determinado tipo de acontecimentos na imprensa tradicional. Outra das diferenças encontradas na análise à informação que saiu no Público é que esta era toda impressa a cores, enquanto no Correio da Manhã a impressão era a preto e branco. No caso dos títulos do Público, usados para ilustrar as notícias, abordam sempre a pressão que está ser feita ao governo israelita para aliviar o bloqueio a Gaza, da guerra diplomática entre a Turquia e Israel, das imagens que ‘culpam’ o exército israelita ou então da investigação que se gerou para apurar o verdadeiro culpado. No caso do Correio da Manhã os títulos são mais ‘agressivos’ e sensacionalistas, usando expressões como “*Banho de Sangue*” ou “*Sangrento*”, abordam mais a questão dos outros navios que estão prestes a chegar, dos ativistas que foram deportados e da imagem de Israel que ficou denegrada.

Quando se aborda o caso da imprensa *online* chegam-se às mesmas conclusões do que na imprensa tradicional. Também neste género existem diferenças na forma como os acontecimentos são tratados. A nível de destaque dado ao acontecimento pode-se concluir através do número de notícias que sai em cada um dos meios, que o Diário Digital, com 25 notícias no dia 31 de maio, dá mais ênfase ao ataque à frota do que o Portugal Diário, com 10 notícias. A nível de conteúdo as diferenças também são visíveis, enquanto o Diário Digital opta por um texto simples sem explorar as potencialidades do *online*, o Portugal Diário usa as hiperligações para complementar a informação que fornece sobre o ataque à frota, bem como usa fotogalerias e vídeo galeria para melhor relatar os acontecimentos. Podemos assim concluir que no caso da imprensa *online*, na análise comparativa feita entre o Diário Digital e Portugal Diário, também existem diferenças na forma como determinado tipo de acontecimentos é relatado e divulgado.

Na segunda hipótese tentamos verificar as principais diferenças na cobertura de acontecimentos de âmbito internacional, usando o caso em estudo nesta dissertação, entre a imprensa tradicional e a imprensa online. Nesta hipótese concluiu-se que existem diferenças entre a cobertura feita pela imprensa tradicional e pela imprensa *online*, relacionados com as plataformas através das quais estes meios colocam a informação ao dispor dos leitores. Na imprensa tradicional, os jornais usam o papel como meio de publicação das informações referentes a um determinado acontecimento. Meio que está limitado pelas questões do tempo, visto que o jornal de hoje contém as notícias de ontem. Este facto não acontece na imprensa *online*, que é capaz de relatar um determinado acontecimento na hora exata em que ele está a decorrer e completa toda a informação com hiperligações, fotogalerias e vídeo. Ou seja, a imprensa *online* não está dependente de questões de espaço e tempo, contrariamente à imprensa tradicional. Mas também se verificaram diferenças inerentes à construção noticiosa entre a imprensa tradicional e a imprensa *online*. Ou seja, enquanto “os jornalistas dos média tradicionais escrevem normalmente de uma forma simples, acessível e linear” (BASTOS, 2005:12), isto para facilitar a apreensão da mensagem por parte da opinião pública. No caso dos média online, “os *ciberjornalistas*, embora tenham também que se preocupar com este tipo de escrita, terão de ter em conta, ao elaborarem uma ‘*estória*’, que na Web estão leitores com perfis e exigências muito específicas e distintas” (BASTOS, 2005:12). Esta diferença na disposição da mensagem, aliada a uma das principais características dos meios *online* – a instantaneidade, que não existe na imprensa tradicional, faz com que a

imprensa *online* faça uma cobertura dos acontecimentos de forma diferente dos jornais em papel. Ou seja, no caso da imprensa tradicional, o meio onde é reproduzida a informação – o jornal – só permite que as notícias sobre o ataque saiam no dia seguinte ao acontecimento ter ocorrido. O ataque à frota pró-palestiniana que tentou quebrar o bloqueio a Gaza é dada a conhecer aos leitores de jornais um dia após ter ocorrido o acontecimento. No caso da imprensa *online*, esta dificuldade que é imposta pelo meio não se verifica. Na *internet* o espaço de armazenamento é ilimitado e pode-se colocar informação a todo o momento, atualizando-a em permanência. No caso do Diário Digital a primeira notícia que sai sobre o ataque são 6h34 de dia 31 de maio de 2010, enquanto no Portugal Diário são 9h24. No primeiro caso a notícia sobre o ataque sofre 24 atualizações, enquanto no segundo a informação é atualizada 9 vezes. Mas, em contrapartida a imprensa tradicional tem mais tempo para maturar a informação que lhe chega, dando a conhecer ao leitor, por exemplo o número correto de mortos no ataque e a opinião de vários especialistas. No caso da imprensa *online*, e como se verificou, as notícias são dadas com uma maior rapidez e têm a possibilidade de conterem vídeos, fotos e hipertexto associado, mas correm mais risco em conterem incongruências. Por exemplo, no caso do número de ativistas mortos no ataque – 9 mortos, o Diário Digital dá a informação incorreta, como se pode ver no título: "Raid israelita faz dois mortos em frota de ajuda humanitária". Enquanto o Portugal Diário optou sempre por não fazer referência no título ao número de vítimas mortais resultantes do ataque. Quando falamos dos enquadramentos dados à informação disponibilizada sobre o ataque à frota, notam-se grandes diferenças entre os dois estilos de imprensa. No caso da imprensa *online* existe um maior volume de informação no dia do ataque e nos dias em que se seguem. Esta enquadra a informação dentro das molduras de número de mortos ("Israel: Ativistas foram mortos com 30 tiros à queima-roupa" – DD, 5 de junho de 2010), contestação social ("Milhares de europeus protestam contra atentado israelita" – PD, 4 de junho de 2010), investigação ("Exército israelita nomeia equipa para investigar ataque à flotilha" – PD, 8 de junho de 2010) e/ou o alívio ao bloqueio imposto a Gaza ("Israel anuncia alívio no bloqueio à Faixa de Gaza" – DD, 17 de junho de 2010). No caso da imprensa tradicional, para o enquadramento da informação os jornalistas escolheram molduras relacionadas com o corte de relações entre a Turquia e Israel ("Médio Oriente: Deputados turcos sugerem corte de relações com Estado hebraico" – Público, 3 de junho de 2010), deportação de ativistas ("Israel: Todos os ativistas deportados " – CM, 3 de junho de 2010), investigação ("Israel apresenta comissão de

inquérito interna" – Público, 16 de junho de 2010) e/ou tentativa do ‘Rachel Corrie’ em furar o bloqueio ("Médio Oriente: 'Rachel Corrie' abordado e desviado para Israel sem incidentes - Estes é que eram pacifistas" – CM, 6 de junho de 2010). Em comparação, enquanto a imprensa tradicional dá mais destaque à tensão diplomática que se gerou após o ataque ou na investigação realizada para apurar as culpas, a imprensa *online* centra mais a sua informação no número de mortos e feridos, bem como no alívio do bloqueio a Gaza após o ataque à frota que tentava furar o bloqueio. Apesar, de o enquadramento da investigação se verificar em ambos os casos, de uma forma geral os enquadramentos escolhidos e a forma como são abordados são diferentes. Com isto, concluiu-se que a hipótese é verificada, pois são evidentes as diferenças entre a imprensa tradicional e a imprensa *online* na cobertura de determinado acontecimento.

Por último, este estudo procurou analisar de que forma a cobertura feita por determinado órgão de comunicação social poderá estar relacionada com o seu posicionamento a nível editorial. Ou seja, o porquê de o órgão de comunicação *x* fazer uma cobertura mais extensa do estudo de caso em comparação com o meio de comunicação *y*. De que forma este fator poderá estar relacionado com a política editorial do jornal. Esta última hipótese foi a mais complicada de se verificar. Para se chegar ao posicionamento tem-se de abordar cada um dos meios de comunicação analisados na presente investigação isoladamente. Comparando primeiramente o Público e o Correio da Manhã, através da análise do estatuto editorial de cada um deles pode-se concluir que existem diferenças na política editorial, que faz com que estes meios tenham uma postura diferente em relação à cobertura do acontecimento em análise. Quando lê-mos o estatuto editorial do Público pode-se verificar que este aposta na “informação diversificada, abrangendo os mais variados campos de atividade” (Livro de Estilo Público, 2005:21). Mas também “considera que a existência de uma opinião pública informada, ativa e interveniente é condição fundamental da democracia e da dinâmica de uma sociedade aberta, que não fixa fronteiras regionais, nacionais e culturais aos movimentos de comunicação e opinião”, *in* Livro de Estilo do Público (2005:22). Ou seja, o Público trata todos os acontecimentos da mesma forma, dando destaque a eles dependendo do facto de se passarem dentro do país ou a nível internacional. No caso do Correio da Manhã, as coisas são um pouco diferentes. Como o próprio estatuto editorial do jornal indica, “o Correio da Manhã busca um olhar português sobre o pulsar contínuo do País e do Mundo. Escolhe o espaço global da língua portuguesa como principal foco do seu desígnio de informar”, *in* www.cmjornal.xl.pt. Ou seja, o Correio da Manhã só

dá destaque aos acontecimentos que se passam no país ou então a acontecimentos a nível internacional que envolvam diretamente portugueses. De destacar é o facto de o jornal Público ser o único, entre os quatro meios analisados, a noticiar a chegada da frota atacada a Gaza ("Frota humanitária que se dirige para Gaza irrita Israel", dia 29 de maio). Os títulos a que recorre, os especialistas que cita e a quantidade de informação que coloca ao dispor do leitor são muito mais intensos do que a colocada pelo Correio da Manhã. Como se pode ver no Editorial, que mostra o posicionamento do jornal sobre um determinado acontecimento (o do Público não contém autor), o título diz tudo: "O gesto inaceitável de Israel" (1 de junho de 2010, p.37, Espaço Público). E continua ao dizer que o ataque foi "um ato inaceitável e desrespeitador do direito internacional" e que demonstra "como Telavive persiste numa política de cegueira e agressão". No Correio da Manhã, o texto de opinião da autoria de João Miguel Tavares tem como título: "Podem voltar a ligar o cérebro, se faz favor?" e *'lead'* "O Hamas é o que sempre foi e Israel está nas mãos de extremistas. Custa muito perceber isto?". No texto o autor tenta justificar as causas que levaram Israel a atacar um barco de ajuda humanitária. No Editorial do Público e no texto de Opinião do Correio da Manhã são bem perceptíveis as diferenças no posicionamento do jornal em relação ao ataque. Enquanto o Público condena, o Correio da Manhã tenta justificar as razões que levaram Israel a atacar uma frota de ajuda humanitária. Pode-se concluir então que existem grandes diferenças a nível de posicionamento editorial nos dois jornais analisados, fator que leva também à existência de diferenças na cobertura e destaque dado ao caso em estudo nesta dissertação. Logo a terceira hipótese verifica-se na imprensa tradicional.

No caso da imprensa *online* não é tão perceptível o posicionamento editorial do Diário Digital e Portugal Diário. No caso do Diário Digital toda a informação é dada de uma forma neutra, onde as notícias não contêm autores e não tem textos de opinião que possam indicar um possível posicionamento editorial. Apesar de o Portugal Diário ter um texto de opinião que posicione esse contra a política adotada por Israel, não existe mais nenhum elemento que sugira um posicionamento específico no caso. Quando se analisa os estatutos editoriais dos dois *ciberjornais*, pode-se verificar que o Diário Digital faz uma distinção entre "as notícias do conteúdo opinativo, reservando-se no direito de ordenar, interpretar e relacionar os factos e acontecimentos", *in* <http://diariodigital.sapo.pt>. Em contrapartida, o Portugal Diário dá prioridade ao "diálogo com os leitores, promovendo, nas suas secções e nos vários formatos interativos que o suporte *internet* permite, a participação desses mesmos leitores (*in*

www.portugaldiario.iol.pt). Mas porém, reserva “o direito de intervir na filtragem dessa participação, sempre que tal” lhe pareça necessário (*Ibid*). Estas são as diferenças mais relevantes entre os dois estatutos editoriais, mas que não indicam a política editorial em relação à cobertura de determinado tipo de acontecimentos. Logo, no caso da imprensa *online* não é verificada a terceira hipótese com tanta clareza como na imprensa tradicional. Para se chegar a esta conclusão se teria de fazer uma análise exaustiva no futuro de todos os conteúdos noticiosos que saíram no ano de 2010 nos dois *ciberjornais*, para se verificar a que tipo de acontecimentos o Diário Digital e o Portugal Diário dão mais destaque. E ainda a forma de tratamento que é dado a cada tipo de acontecimento.

Concluiu-se na presente investigação que existem divergências na cobertura de acontecimentos entre a imprensa tradicional e a imprensa *online*, que os enquadramentos usados também divergem e que, a nível de posicionamento este só se verifica na imprensa tradicional. Esta investigação vem assim abrir novos caminhos para estudos futuros. Como por exemplo, o aprofundamento das questões ligadas à cobertura na imprensa portuguesa de conflitos enraizados, como é o caso do conflito israelo-palestiniano. Bem como, perceber quais são as dinâmicas de redação na hora de seleccionar as informações que devem constar nas notícias sobre acontecimentos de cariz político e internacional.

BIBLIOGRAFIA

AITA, Pricila Aparecida. *Olimpíadas de 2016 na Revista Veja: um estudo da teoria do enquadramento*, Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação, São Paulo, Ano 4, Edição 1, Setembro-Novembro de 2010

AZEVEDO, José. *Metodologias Qualitativas Análise do Discurso*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Sociologia), 107-201

BASTOS, Helder. *Ciberjornalismo e Narrativa Hipermédia*. Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC, nº1, outubro de 2005, p.3-15 Disponível em http://prisma.cetac.up.pt/artigospdf/ciberjornalismo_e_narrativa_hipermedia.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2011

BASTOS, Helder. *Ciberjornalistas portugueses: das Práticas às Questões de Ética*. Prisma.com, n.7, p.173-192, 2008 Disponível em [http://prisma.cetac.up.pt/173_Ciberjornalistas_portugueses_das_praticas_as_questoes_de_e%20_etica_Helder_Bastos.pdf](http://prisma.cetac.up.pt/173_Ciberjornalistas_portugueses_das_praticas_as_questoes_de_etica_Helder_Bastos.pdf)>. Acesso em 20 de maio de 2011

BENNETT, W.L. *News: The politics of illusion*, Longman Publishers, 3ª Edição, Nova Iorque, 1983

BISHARA, Marwan. *Palestina/Israel – A paz ou o apartheid*, Terramar, Lisboa, abril de 2002

BONIFACE, Pascal. *Dicionário das Relações Internacionais*. Plátano Edições Técnicas, Lisboa, outubro 2001

CARMO, H.; **FERREIRA**, M. *Metodologia da Investigação*, Universidade Aberta, Lisboa, 1998

CARVALHO, Anabela. *Opções metodológicas em análise de discurso: instrumentos, pressupostos e implicações*. Comunicação e Sociedade 2, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, vol. 14 (1-2), 2009, 143-156 Disponível em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5520/1/CS_vol2_acarvalho_p143-156.pdf>. Acesso em 25 janeiro 2011.

CENTENO, Rui; **LIMA**, Helena. *A Tempestade no Deserto e a Invasão: Cobertura noticiosa do Público face aos dois conflitos*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Ata do 6º Congresso SOPCOM, 2009, p.2551-2562 Disponível em

http://conferencias.ulusofofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/view/264/237.>. Acesso em 12 dezembro de 2010

DEACON, David; **PICKERING**, Michael; **GOLDING**, Peter e **MURDOCK**, Graham. *Researching Communications: A Practical Guide to Methods in Media and Cultural Analysis*, Arnold/Oxford University Press, Londres/Nova Iorque, 1999.

DOMKE, D. *Journalists, framing, and discourse investigation relations*, Journalism and mass communication monographs, 164, 5-555, 1997.

ENTMAN, R.M. *Cascading Activism: Contesting the White House's frame after 9/11*, Political Communication, 20, p.415-432, 2003

ENTMAN, R.M. *Framing bias: media in the distribution of power*, Journal of Communication, Vol.57, n.1, p.163-173, 2007.

ENTMAN, R.M. *Framing: Toward Clarification of a fractured paradigm*, Journal of Communication, Vol.43, n.4, p.51-58, 1993.

ENTMAN, R.M. *Media Framing biases and political power: Explaining slant in news of Campaign 2008*, Journal of Communication, Journalism, 11 (4), p.389-408, 2010 Disponível em <http://jou.sagepub.com/content/11/4/389>.>. Consultado em 5 de maio de 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and Social Change*, Polity Press, Cambridg, 1992.

FERNANDES, Ana Margarida Ladeira. *Jornalismo e conflitos enraizados: identidade ao serviço de parcialidade*, Mestrado em Comunicação e Jornalismo, Universidade de Coimbra, 2009 Disponível em http://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/13369/1/Tese_mestrado_Margarida%20Ladeira.pdf.>. Consultado em 14 novembro 2010.

Fontcuberta, Mar de. *A notícia: pistas para compreender o mundo*, Coleção Media & Sociedade, Editorial Notícias, Lisboa, 2ª edição: setembro 2002.

FOWLER, Roger. *Language in the News: Discourse and Ideology in the Press*, Routledge – Taylor & Francis Group, New York, 1991.

GAMSON, W.A. *News a framing*, American Behavioral Scientist, 32, 157-161, 1989.

GOFFMAN, E. *Frame analysis: An essay on the organization of experience*, Harper e Row, Nova Iorque, 1974.

GRESH, Alain. *Israel/Palestina verdades sobre um conflito*, Campo das Letras – editores S.A, Porto, 2002.

HAMMOND, Philip. *Framing post-Cold War conflicts: The media and international intervention*, Manchester University Press, Oxford Road, Manchester, UK, 2007.

HARIDAKIS, Paul M.; **HUGENBERG**, Barbara S.; **WEARDEN**, Stanley T. *War and the Media: Essays on News Reporting, Propaganda and Popular Culture*, McFarland & Company, Inc., Publishers, North Carolina, 2008.

JAKOBSEN, Petter Viggo. *Focus on the CNN effect misses the point: The real media investigates conflict Management is invisible and indirect*, Journal of peace research, 37-131, 2000.

KLAEHN, Jeffery. *Filtering the News: Essays Herman and Chomsky's Propaganda Model*, Black Rose Books, Montreal, Canadá, 2005.

MACIEL, Betania; **SABBATINI**, Marcelo. *Construção da realidade social, meios de comunicação e jornalismo científico na era da tecnociência: uma reflexão*, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil, 2005 Disponível em <http://www.betaniamaciel.com/textos/2005-macielsabbatini-compos.pdf>>. Acesso em 25 janeiro 2011.

MORAES, Roque. *Análise de Conteúdo*. Revista Educação, Porto Alegre, v.22, n.37, p.7-32, 1999 Disponível em http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>. Acesso em 20 de maio de 2011.

MORESI, E. *Metodologia de Pesquisa*. Programa de pós-graduação strictu sensu em gestão do conhecimento e da tecnologia da informação da Universidade Católica, Brasília, 2003 Disponível em <http://www.inf.ufes.br/~falbo/files/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf>>. Consultado em 18 de janeiro de 2011.

NORRIS, Pippa; **KERN**, Montague; **JUST**, Marion. *Framing Terrorism: The News Media, the Government, and the Public*, Routledge – Taylor & Francis Group, New York, 2003.

OLABUENAGA, J.I. R.; **ISPIZUA**, M.A. *La investigación de la vida cotidiana: investigación cualitativa*. Bilbao, Universidade de Deusto, 1989.

Página especial 30 anos Correio da Manhã, consultado a 25 de maio de 2011: http://30anoscorreiomanha.xl.pt/historia_cm.php.

PAN, Z. e KOSICKI, G.M. *Framing analysis: Na approach to news discourse*, Political Communication, 10 (1, Jan – March), 59-79, 1993.

PARK, Robert. *News as a form of knowledge*. In R.H. Turner (ed.), *On Social Control and Collective Behavior*, Chicago University Press, p.32-52, 1967.

PÚBLICO. *Livro de Estilo*. PÚBLICO – Comunicação Social, SA, Lisboa, 2ª Edição, março 2005.

QUINTERO, Alejandro Pizarroso. *História da Imprensa*. Planeta Editora, Lisboa, 1996.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Grávida, Lisboa, 5ª Edição, 2008.

REIS, Filipa Lopes dos. *Como elaborar uma dissertação de Mestrado segundo Bolonha*, Lidel, Lisboa, 2010.

RIBEIRO, Vasco. *Fontes sofisticadas de informação – Análise do produto jornalístico político da imprensa nacional diária de 1995 a 2005*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13047/2/FontesSofisticadasdeInformao000069327.pdf>.>. Acesso em 12 fevereiro de 2011.

ROBINSON, Piers. *The policy-media interaction model: measuring media power during humanitarian crisis*, Journal of peace research, 37-613, 2000.

ROCHA, Décio e DEUSDARÁ, Bruno. *Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: A aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória*, Alea: Estudos Neolatinos, Julho-Dezembro, ano/vol.7, número 002, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, pp. 305-322.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. *Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória*. Alea, volume 7, número 2, Julho-Dezembro 2005, p.305-322 Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alea/v7n2/a10v7n2.pdf>.>. Acesso em 25 janeiro 2011.

ROSS, Susan Dente. *Framing of the Palestinian-Irsaeli conflict in thirteen months of New York Times editorials surrounding the attack of September 11, 2001*, Conflict and Communication online, vol2, nº2, 2003.

SÁNCHEZ DIAZ, M; VEGA VALDÉZ, J. *Algunos aspetos teórico-conceptuales sobre el análisis documental y el análisis de información*, Ciencias de la Información, 34 (2), p.49-60.

SANTOS, Rogério. *A Negociação entre Jornalistas e Fontes*. Minerva Editora, Coimbra, 1997.

SCHEUFELE, Dietram A. *Framing as a Theory of Media Effects*. Journal of Communication, Winter 1999, 103-122 Disponível em <http://www.asc.upenn.edu/usr/ogandy/c45405%20resources/scheufele%20framing%20as%20effects.pdf>.>. Acesso em 25 janeiro 2011.

VICKERY, M. *Techniques of information retrieval*, Butterworths, Londres, 1970.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*, Editorial Presença, 8ª Edição, Lisboa, outubro, 2003.

ANEXOS